

LUÍS-SÉRGIO SANTOS

Ninguém é perfeitamente bom, ninguém é completamente mal.



Luís-Sérgio, o misto de jornalista e empresário que se acostumou a alternar os papéis de "médico" e de "monstro" durante a carreira, achou a entrevista um meio de exorcizar alguns fantasmas que deseja esquecer.

Entrevista com
Luís-Sérgio Santos,
dia 21/09/00.
Produção, redação,
edição e texto final:
Erivaldo Carvalho,
Herik Ayslan e José
Valente
Texto de abertura:
Andréa Bezerra
Participação: Andréa
Bezerra, Antônio
Simões, Arizona Leite,
Danielle Pinheiro,
Débora Souto, Delane
Silveira, Erivaldo
Carvalho, Herik
Ayslan, Janis Lyn, Jhon
Clayton, José Valente,
Lívia Lara, Roberta
Gregório.
Foto: Ronaldo Salgado.

Por duas vezes quase morreu afogado. Em 1960, aos três anos, viveu sua primeira experiência traumática. Deslizou num poço com água de chuva e por pouco não deixou este mundo. Sua vizinha o salvou. Em 1983, seu carro caiu numa lagoa. Como não sabia nadar, se agarrou em algo que parecia um arbusto para chegar à margem. No dia seguinte, foram recolher o carro. As pessoas não viram arbusto nenhum, nem tampouco algo em que ele pudesse ter se agarrado. Deus não quis levá-lo. Ele tinha muito o que fazer na Terra.

Sempre liderou, tem a capacidade de transformar o abstrato em concreto, o projeto em realidade. Nasceu para deixar sua biografia registrada. Com as águas ele não tem a mesma relação que o pescador José Maria dos Santos, seu pai. Se tivesse ficado em Beberibe, hoje seria um caiçara. Mas sua função não era ser protagonista do livro *O velho e o mar*. Nasceu para ser como Ernest Hemingway.

As letras fazem parte de sua vida. Sempre quis ser jornalista. E foi essa determinação que o ajudou a sair da

cidade do interior, vir para Fortaleza e estudar para mudar de posição social. Em 1967, saiu da cidade de Beberibe com o pai, a mãe e os cinco irmãos. A família sempre foi muito pobre. Para ajudar nas despesas, chegou a limpar pára-brisa de carro. Dava uma parte do dinheiro que ganhava em casa e com a outra comprava revistas e livros.

Assim como todos os homens, errou e acertou várias vezes no decorrer da vida. "Ao contrário do meu sobrenome, eu não sou santo", diz. Santo pode não ser, mas com certeza é prodígio. Não é qualquer um que passa de flanelinha para editor de jornal e para professor de uma Universidade Federal. Com sua persistência, foi capaz de criar uma das mais expressivas revistas do Ceará, a *Inside Brasil*.

No hotel Seara, sentado ao redor dos alunos, o jornalista passou de entrevistador a entrevistado. É como um psicólogo ir para o divã. A entrevista serviu como análise. Freud explica. Fomos descobrindo paulatinamente por seus gestos, por seu olhar e por seu discurso, aquilo que ele insiste em esconder no inconsciente: a emoção. Descobrimos um Luís-Sérgio apaixonado.

Luís-Sérgio é homem de extremos. A própria esposa disse que ele é o tipo de pessoa que se ama ou se odeia. Sua vida é marcada por polêmicas. Fez e perdeu vários amigos por causa do seu jeito de ser e de agir. Quem o vê apenas uma vez, percebe-o como um ser frio, distante, racional. Talvez não seja possível imaginá-lo lendo e elogiando um texto cheio de subjetividade. Ele parece ser muito objetivo, deixa claro que a informação está acima de tudo num texto jornalístico. Mas num segundo olhar, enxergando-o por um prisma mais aprofundado, a sua aparência contradiz a essência.

Ele disse que teve de segurar a emoção três vezes durante a entrevista. Em duas dessas, deu para perceber o esforço que ele fazia para usar o lado esquerdo do cérebro. A terceira vez que ele se emocionou é uma incógnita, mas pelo menos vimos cair por terra seu lado racional. Quando falou da sua avó, a "mãe Joanhinha", seus olhos brilhavam. E dava para ler neles a palavra saudade. Quando falou da revista *Inside Brasil*, ele chorou. E deu para ler em seus olhos a palavra sonho.

Sua paixão pela revista *Inside Brasil* ficou clara. Ele levou para a entrevista uma mala com vários exemplares, e pegava uma a uma como se fosse sua prole. Orgulha-se de cada número e tem certeza de que vai chegar longe. O objetivo maior é fazer uma revista regional. "Só assim as pessoas deixam de ver o Sudeste como o único provedor de informação", diz.

Nas próximas páginas, você vai descobrir que o *publisher* da revista *Inside Brasil* não leu apenas livros de escritores americanos. Que Monteiro Lobato era um dos seus atores preferidos. Que ele não pensa ser o único que sabe, mas "ensina e aprende com os alunos". Que ele admite ser uma pessoa difícil de lidar e essa é a razão para ele ser um homem de poucos amigos.

As próximas linhas que seguem vão mostrar um Luís-Sérgio que admite ter errado muitas vezes na vida, mas ninguém é perfeitamente bom e ninguém é completamente mal, pô! Vire a página e – como diria o próprio – *enjoy the interview!*



Os primeiros contatos feitos com Luís-Sérgio foram realizados no pátio do curso dias antes da indicação de seu nome. Ele ficou muito surpreso com a idéia.

Herik – *O nascimento do senhor foi há mais de quatro décadas, e a sua parteira foi a sua avó, a “mãe Joaninha”. Como é vir ao mundo pela mão da mãe da sua mãe?*

Luis-Sérgio – Bem, a minha relação com a minha avó, a mãe Joaninha, era muito afetiva, né? Então tinha uma relação de toque, de cheiro - ainda hoje eu consigo, não digo sentir o cheiro dela, mas eu lembro do cheiro dela. E é muito afetuosa, pequenininha, toda *mignon*, morena, e uma pessoa muito doce, uma pessoa do sertão, humilde, viúva, morava só, teve vários filhos. E, naquela época em que eu nasci, em 1957, já faz bastante tempo - era nas Frecheiras, que hoje é Praia das Fontes, fica eu acho que a cinco quilômetros de Beberibe (*município cearense localizado no litoral leste, a 75 Km de Fortaleza*) a sede do distrito, era comum no sertão as pessoas serem aparadas pelas parteiras, então os primeiros filhos da minha mãe foi a mãe Joaninha que os recebeu, inclusive eu. A minha relação com ela era muito doce, muito meiga e muito afetuosa.

Valente – *Luis-Sérgio, você diz que sempre foi um garoto que se interessou por estudos, pela leitura. Eu queria saber como é que se deu essa primeira aproximação com os livros, se foi ainda na infância em Beberibe.*

Luis-Sérgio – Bem, eu comecei a estudar em Beberibe, no Colégio Ana Facó. Fiz o primeiro ano lá, e a minha mãe era filha adotiva - não formal, mas informal, porque a minha avó era muito pobre e a minha mãe saiu de casa - do Gustavo Facó, que era o pai adotivo. Tanto que a gente

chamava ele de vovô Gustavo. Eu lembro (*de estar*) chamando ele de vovô Gustavo. E, na casa do Gustavo Facó, que já era em Beberibe, ele tinha uma grande biblioteca. O Gustavo Facó é o pai do Rui Facó, que é um grande sociólogo brasileiro, morreu num acidente que ainda hoje não se sabe (*como foi*). Era um cara comunista, militante, do Partido Comunista Brasileiro. Então, foi aí que eu comecei a ver livros e tocar nos livros, e lembro de um livro que depois eu ganhei, que a minha madrinha Ana Facó me deu, que é a *Crestomatia*, que é um livro cheio de riscos, onde

“Na casa do Gustavo Facó, que já era em Beberibe, ele tinha uma grande biblioteca (...) foi aí que eu comecei a ver livros e tocar nos livros”

todos da casa dela estudaram, o Rui estudou nesse livro. E eu tenho esse livro, e foi lá que eu li, ainda muito jovem, o Monteiro Lobato (*escritor, 1882-1948*). Tinha a coleção da (*editora*) Brasiliense encadernada, e foi aí que eu tive o primeiro contato com os livros. Eu lembro ainda de alguns livros do Monteiro Lobato, do *Hans Staden*, do *Sítio do Pica-Pau (Amarelo)*. E lembro também de alguns livros do Rui Facó, *O Brasil do Século XX*, um livro que ele escreveu nos anos 60. E também lembro - e depois eu reli esse livro -, mas não li na época porque era uma leitura totalmente acima das minhas necessidades de leitura da época, que era o *Cangaço e Fanáticos*, que é um grande livro do Rui. Foi lá que eu conheci os livros, foi lá que eu toquei nos livros, e achava

legal aquilo ali.

Débora – *Luis-Sérgio, essa sua inclinação para a leitura foi o que o levou para o jornalismo? Você desde cedo já pensava em ser um jornalista?*

Luis-Sérgio – Não, eu acho que teve muito de intuição, né? Mas o que me despertou para o jornalismo foi a tipografia. Eu estudava no colégio do Padre José Nilson, lá no (*bairro*) Mucuripe, e o (*colégio*) Padre Nilson tinha um curso regular, de primeiro e segundo graus, mas, pela manhã, tinha os cursos profissionalizantes. Tinha mecânica, madeira, artes gráficas e metal. Eu fiz todos esses, fiz madeira, fiz mecânica, fui ao torno, torçar e tal. Mas o que me marcou mais foi a tipografia, porque lá tinha uma miniatura de gráfica, com tipos móveis, de compor, e fazer aquilo me fascinou muito. Então, já tinha uma convergência para essa coisa do livro, e esse meu conhecimento

com as artes gráficas foi bem determinante. E, simultaneamente a isso, nós fazíamos o jornal do colégio do Padre Nilson, lá no Mucuripe, na (*rua*) Manuel Gesuíno, todo feito à mão, depois a gente fez uma versão impressa. E também comecei a ver os jornais da época, eu tinha uma namorada que trabalhava numa oficina e me levava os jornais à noite. Eu lia, lembro bem do Correio do Ceará (*jornal cearense da cadeia de Emissoras e Diários Associados, de Assis Chateaubriand, extinto em 1980*), com o fundo vermelho, e achava muito interessante isso aí. Foi assim.

Daniele – *Luis-Sérgio, eu queria saber se por causa das dificuldades financeiras o senhor recebeu algum tipo de pressão da família em*

Luís-Sérgio achou “maluca” a idéia da indicação de seu nome. Ele respondeu a todas as perguntas dos primeiros contatos, mas não acreditava que os alunos votassem em seu nome.

algum momento da sua vida para largar os estudos.

Luis-Sérgio – Não, não, não. Pelo contrário, nunca houve esse tipo de pressão, e a minha mãe foi sempre muito... quer dizer, todo o meu processo de alfabetização eu devo a ela, ela que fez tudo isso para mim. Me matriculei sempre nos colégios públicos onde eu estudei, todos eles. Nunca houve esse tipo de pressão, pelo contrário, existia uma certa... não uma cobrança, mas existia um acompanhamento à distância. E, por intuição ou não, eu sempre tive muito interesse, por intuição eu sabia que o caminho era aquele. Não conscientemente, obviamente. Então, nunca houve pressão. E, mesmo quando eu já estava no segundo grau, no colégio do Padre Nilson, que *(foi onde)* eu comecei a trabalhar, houve uma conciliação do trabalho com o estudo, comecei a estudar à noite para trabalhar durante o dia.

Jhon – Professor, e em termos de produção, efetivamente, como é que eram os primeiros textos que o senhor começou a produzir e a escrever? Eles eram voltados para que área, qual era o estilo deles?

Luis-Sérgio – Bem, eu lia muito - *(isso é)* uma coisa que eu esqueci de falar - eu lia muita história em quadrinhos. Eu tinha a coleção de *(do personagem)* Tarzan toda, a história de Tarzan, como ele foi para a África, depois como ele voltou para a América, foi procurar a Jane em Baltimore, nos Estados Unidos. E o nome do Tarzan, o nome original, eu não sei se você sabe, mas o nome dele é Jhon Clayton *(risos, pois o nome do aluno autor da pergunta também é Jhon Clayton)*, o nome do Tarzan é Jhon Clayton quando

ele se civiliza, *(risos)*, e tinha *(histórias em quadrinhos do personagem)* Zorro, tinha o *(personagem)* Cavaleiro Negro, tinha alguma ficção. E eu fazia história em quadrinhos. Eu fazia revistinhas e criava minhas próprias histórias, algumas com os personagens que eu inventava, e outras que eu copiava, com as histórias do Zorro, do *(personagem)* Super-Homem, do Tarzan, tinha muito Tarzan. E eu desenhava muito, e escrevia também, porque tinha de fazer os roteiros. Li muito *(as histórias em quadrinhos do personagem)* Jim das Selvas, e lendo

“Mas o que me marcou mais foi a tipografia, porque lá tinha uma miniatura de gráfica, com tipos móveis, de compor, e fazer aquilo me fascinou muito”

Jim das Selvas, eu aprendi uma palavra que eu nunca esqueci até hoje, *(e que)* eu sempre uso nos meus textos, que é a palavra “demasiado”. Tinha a frase lá “demasiado rápido”, e essa palavra, ainda hoje... quer dizer, *(tinha)* o parceiro do Jim das Selvas, que é um cara chamado Cólú ou Colu *(escreve-se “Kolu”)*. Então a frase era assim: “Demasiado rápido Kolu pegou não sei o quê e pá, pá, pá”. E eu uso muito essa palavra, eu gosto dela, me marcou. Eu não sabia o que significava, fui atrás e me apropriei muito dela. Então, tinha a influência grande das histórias em quadrinhos.

E também na minha juventude eu lia aqueles livros que a *(editora)* Abril lançava, de capa dura, *A Ilha do Tesouro*, que é um livro fantástico, O

Conde de Monte Cristo, *Ivanhoé*. Mas o que me marcou muito nessa fase, que é bem posterior ao Monteiro Lobato, foi *A Ilha do Tesouro*. A gente lendo conseguia ver as cenas, *(tinha)* muita emoção, muita aventura. E, naquela época, eu não tinha televisão, quer dizer, tinha televisão, mas nós não tínhamos em casa, eu lia os livros que eu comprava de segunda mão. Tinha muita história de aventura, que era legal. Foi por aí.

Depois eu inventava os livrinhos, eu lembro que eu fiz uma enciclopédia de tudo um pouco, onde eu copiava verbetes, desenhava e encadernava depois. Aprendi a encadernar na época, costurando, e depois colando caderno, fazendo capa. Tem uma coisa meio híbrida, de um fascínio não só pelo conteúdo, mas também pela forma. Eu sempre tive essa coisa muito dentro de mim.

Valente - Existe algum momento ou algum fato em que você detecta a sua decisão de fazer o curso de Comunicação?

Luis-Sérgio – É, eu sempre, eu nunca tive nenhuma dúvida do que eu queria, eu queria ser jornalista. Eu nunca tive nenhuma dúvida sobre isso, foi uma decisão muito forte, eu achava fascinante jornal, e eu atribuo a isso, *(a)* essa influência que eu tive nessa fase que começa em Beberibe, e eu achava fantástico a minha mãe ter conhecido o Rui Facó, e ter convivido com ele, achava isso incrível, como acho ainda. E a decisão de fazer jornalismo, realmente, eu não tinha dúvida sobre isso, eu achava que não ia passar no vestibular, porque eu nunca fiz cursinho, estudava à noite e trabalhava, e na época a *(editora)* Abril *(maior editora da América Latina, publica*



A sugestão provocou uma polarização entre os alunos em decorrência da polêmica que envolve o personagem. Duas defesas e cinco votos garantiram o nome do entrevistado.

Na divisão das equipes, muitos alunos queriam participar da produção da entrevista. A decisão foi por sorteio. A aluna Delane foi sorteada, mas cedeu seu direito de participar para a aluna Herik, pois esta já havia feito uma pré-produção.



Duas pré-entrevistas foram realizadas. A primeira, na faculdade, com duração de 40 minutos, e a segunda no apartamento de Luis-Sérgio, onde ficamos durante quase quatro horas.

mais de trinta títulos, entre eles a revista *Veja*) tinha uns fascículos, que o nome dos fascículos era Vestibular, e eu lendo esses fascículos acabei passando. Na época, o vestibular era em duas fases, na primeira eu fiquei entre os classificáveis, abaixo do perfil dos sessenta, os classificáveis parece que eram 70, eu não sei, e na segunda fase eu fiquei, acho que a minha posição no ranking foi décimo quinto, por aí, não sei. E passei, foi fantástico, (*rindo*) fui comemorar em Beberibe, no Morro Branco. Então foi isso, nunca tive nenhuma dúvida sobre isso.

Erivaldo – Quando você entrou no curso de Comunicação Social, passou a se sobressair entre os alunos e inclusive no mercado de trabalho. Você é considerado publicamente como uma pessoa precoce. Mas isso visto externamente. Como é que você se via nessa época de faculdade?

Luis-Sérgio – Não, eu não me via assim. Eu queria fazer (*jornalismo*), eu acho que a gente poderia aprender fazendo e queria fazer, e achava que poderia fazer, que sabia fazer, e às vezes eu não sabia, mas aprendia fazendo. Eu não tinha consciência se eu era (*precoce*), eu nem concordo com isso. Eu acho que eu tinha uma certa energia e queria mostrar o meu trabalho. Acho que até sem muita ansiedade. Uma coisa que eu consigo administrar bem é a minha ansiedade, se é que eu tinha naquela época. A gente queria fazer, e felizmente o grupo que entrou comigo na universidade naquele vestibular era um grupo de pessoas muito legais, e a gente formou um grande grupo, e vivemos grandes momentos juntos naquele momento inicial do

curso de Comunicação. Mas eu não sabia que as pessoas tinham essa coisa da precocidade em relação a mim.

Andréa – Luis-Sérgio, no início todo mundo erra para fazer um texto. Como é que você lidava com as críticas em relação ao (seu) texto?

Luis-Sérgio – Eu tive que aprender muito a conviver com as críticas, porque eu fui muito mal preparado para isso. Ainda hoje, às vezes, eu administro a minha reação em relação a algumas coisas. Por outro lado, eu te digo (*que*) eu recebi poucas críticas. Eu lembro (*ri*) de uma crítica da Ivonete

(*tinha*) outro nome na época, e ele fez uns comentários. Disse: “Pô, a iniciativa (*é*) interessante, mas o livro é muito precário na bibliografia para o que ele se propõe”. Eu achei interessante, porque o Rogaciano era meu amigo e a crítica (*foi*) correta, verdadeira. Isso é bom porque vai treinando você para essa convivência democrática dos opostos e da crítica. Então, o que eu digo é que fui mal treinado para isso, mas eu acho que a vida tem me ensinado muito, ainda tá me ensinando.

Débora – Luis-Sérgio, quando entrou no curso, quando começou a fazer jornalismo, você tinha algum autor ou algum jornalista que inspirasse? E tinha alguma área do jornalismo que interessasse mais?

Luis-Sérgio – É, eu tinha uma admiração - como tenho ainda hoje - brutal, fantástica, pelo Mino Carta (*jornalista italiano naturalizado brasileiro, chefiou a redação da revista Veja, da Editora Abril, em sua fase inicial*). Eu era fascinado pelo Mino Carta e pelo projeto da *Veja*. Eu lembro da *Veja* nos primeiros tempos da *Veja*, nos primeiros anos da *Veja*, e tinha esse fascínio enorme pelo Mino Carta, achava ele fantástico! E achava tanto, e admirava tanto, que uma vez eu estava de férias, era estudante, fui para São Paulo e lá liguei para a Istoé, ele já estava na (*revista*) Istoé, e disse: “Olha, eu gostaria de falar com o Mino Carta”. E fui para a Istoé e passei uma noite com o Mino Carta. Era um dia de fechamento, acompanhei todo o fechamento da Istoé, eu estudante, ele foi fantástico, me recebeu, conversou, e eu gravei até uma entrevista com ele que publiquei depois no

“...e a minha mãe foi sempre muito... quer dizer, todo o meu processo de alfabetização eu devo a ela, ela que fez tudo isso para mim”

Maia (*jornalista e professora aposentada da UFC*), na redação do *O Povo* (*segundo jornal em circulação no Estado*), com aquele jeito assim meio duro da Ivonete. Ela era copidesque no *O Povo*, e eu era repórter ainda, plantonista, foca, estudante. E uma vez ela me chamou atenção e disse (*imitando a voz*): “Tenha cuidado com seus textos, você está cometendo esse tipo de erro assim”. Aí eu disse: “Pô!” (*risos*). E isso é legal porque você se toca em relação a isso. Eu lembro também (*que*) quando eu lancei o livro *Comunicação e Dominação* (1981), o Rogaciano, grande Rogaciano Leite (*jornalista cearense, morto em 1992*), fez uma resenha no canal 10, no *Jornal do Meio-dia*, não sei se o nome era esse ou (*se*

O processo de produção foi facilitado pela acessibilidade do entrevistado. Durante o semestre, Luis-Sérgio ministrou uma disciplina para os alunos, e sempre se dispôs a esclarecer qualquer dúvida.

jornal O Povo. E eu vi ele desenhando a revista assim, página por página, e eu achava aquilo assim... foi fantástico, realmente.

Então, o Mino Carta, com certeza, em termos nacionais. E depois aqui eu ouvia muito rádio na (rádio) Dragão do Mar, e tinha um noticioso ao meio-dia, e no final davam os créditos e tinha assim no final: "Direção geral de J. Ciro Saraiva". E eu achava aquilo legal, (pensava) "Pô, esse cara é um grande cara, pô, direção geral de J. Ciro Saraiva". Depois fui trabalhar com o Ciro na Tribuna (do Ceará, terceiro jornal em circulação no Estado), hoje ele é meu grande amigo, um cara fantástico, ainda tá aí, jornalista, tá um pouco afastado do mercado. Em termo local, o Ciro, que eu me lembro assim agora, e vários outros em termos locais, como Blanchard Girão (jornalista, atualmente assessor de imprensa do governo do Estado), na redação do O Povo, depois na universidade o Flávio Ponte (jornalista cearense morto em 1989), que morreu precocemente, depois o Faria (Guilherme, jornalista e professor aposentado da UFC), e vários outros jornalistas. Mas, em termos de quem eu me lembro assim de mais impacto, sem dúvida o Mino Carta. Depois vieram vários outros.

Herik – Voltando à época em que você entrou no mercado de jornalista, como foi para você ganhar o prêmio Esso (em 1980 Luís-Sérgio ganhou o prêmio Esso regional por uma reportagem sobre tráfico de bebês para o exterior)? Qual foi o impacto na sua vida, como repercutiu também na faculdade?

Luís-Sérgio – É, primeiro, a coisa do prêmio Esso é muito

interessante, porque, primeiro, eu não esperava ganhar o prêmio Esso, e, segundo, eu só inscrevi as duas reportagens no prêmio Esso porque a Isabel Pinheiro (atualmente chefe de reportagem do jornal Diário do Nordeste), que era a minha chefe de reportagem da época, grande amiga, pessoa fantástica, disse: "Pô, inscreve isso". E eu inscrevi assim, e sentei em cima, como diria o (Raimundo) Padilha (economista, presidente da Bolsa de Valores Regional). E esqueci daquilo, esqueci totalmente. E, um dia, eu recebo na redação do jornal, um telefonema - ou

“Eu fazia revistinhas e criava minhas próprias histórias, algumas com os personagens que eu inventava, e outras que eu copiava”

era do (jornalista) Joel Silveira ou do (jornalista) José Silveira, um dos dois que tava na comissão. A primeira frase que ele disse para mim foi assim: "Você é um dos nossos". Aí foi que ele falou: "Olha, você ganhou o prêmio Esso e tal". Ele me deu a notícia, eu transmiti a notícia para o jornal, depois chegou um telex da agência (de notícias) Estado, o jornal pegou o telex, a gente fez uma pequena matéria, saiu no dia seguinte dando que eu tinha ganho o prêmio Esso. Foi muito importante, mas eu acho que não me subiu à cabeça, não me subiu à cabeça de modo algum. Continuei minha vida de repórter, não tive nenhum aumento de salário, nenhum aumento de função, e continuei legal. Adorava ser repórter de cidades, de ser repórter tapa-

buraco, porque eu fazia tudo no jornal O Povo. Fazia polícia, buraco, e foi aí que eu comecei a conhecer Fortaleza. A Fortaleza que eu conheço ainda é daquela época, essa zona oeste da cidade, essa parte apartada da cidade. Agora, foi uma experiência muito (com ênfase) marcante na minha vida. Foi uma experiência muito marcante.

Débora – Luís-Sérgio, você foi ameaçado de morte quando fez a matéria do prêmio Esso, né? Em algum momento da sua vida você teve medo da morte?

Luís-Sérgio – Eu recebi telefonemas anônimos, na época, inclusive uma ameaça física. O advogado dos estrangeiros que faziam o negócio para o exterior veio aqui, de São Paulo, entrou na redação acintosamente e me ameaçou. E depois eu recebi dois telefonemas anônimos. A pior coisa do mundo (com ênfase) é você receber um telefonema anônimo te ameaçando. Isso, eu lembro na época, realmente... porque a coisa anônima, o documento apócrifo, ele, para mim, é desestabilizador. Quando você sabe onde está a ameaça, maravilha, mas nesse caso não. Depois eu superei, eu acho que isso fez parte do meu processo de aprendizado. Você começa a ver que a coisa é mais complicada, quer dizer, essa atividade (o jornalismo) é mais complicada do que se imagina, ela não é tão glamourosa quanto se imagina o tempo todo.

Arizona – Quando você fez a matéria, você tinha consciência do risco que estava correndo?

Luís-Sérgio – Nenhum.

Arizona – Você não era profissional, era estudante...

Luís-Sérgio – Eu não tinha consciência nenhuma do



A pedido de Luís-Sérgio, Maria fez uma farofa com carne de sol e lingüiça. Trouxe pra mesa com cerveja (quente) para a equipe. Isabela não saiu do lado em praticamente nenhum instante

A conversa durou mais de quatro horas, mas, apesar de longa, teve sempre um clima descontraído. Luís-Sérgio nos mostrou toda a casa, inclusive seu guarda-roupa com os famosos (tênis) Rebooks e suas camisas listradas.



Ele nos mostrou sua biblioteca que calcula ter mais de 1000 livros. Os livros importados e os de planejamento gráfico são destaque. Outra curiosidade são as várias edições e em diversas línguas de *O príncipe*, de Maquiavel.

Sua videoteca compõe-se principalmente de filmes importados (sem legenda) e sua discoteca é composta em sua maioria de estilo dance.

risco que eu estava correndo.

Janis – Era ingênuo...

Luis-Sérgio – Não, não era ingênuo, não diria que era ingênuo, mas não tinha consciência da dimensão do negócio. Agora, eu sei que eu tive muita sorte na investigação. Eu trabalhei com dois fotógrafos do jornal, um era o Alcebíades Silva, que ainda tá no jornal, e o outro era o Edmundo Sousa, que também eu acho que ainda trabalha como fotógrafo, acho que no governo hoje. E eu lembro de uma cena que transgredia as regras ortodoxas do comportamento do jornalista, que foi o fato de eu ter chegado na casa onde era o berçário e ter entrado na casa, porque só tinha a empregada. Me aproveitei da situação, entrei - quer dizer, estaria configurado uma invasão - com o fotógrafo, e disse: "Olha..." e abri as gavetas e mandei ele fotografar tudo, e ele fotografou tudo, as fichas, os lugares para onde os meninos iam. Na época, eu tive a ajuda de uma fonte que abriu para mim os arquivos, uma fonte de Fortaleza, uma fonte muito importante, dono de um cartório. Eu cheguei a ele, e ele abriu os arquivos para mim. E, nesses arquivos, eu pude localizar para onde tinham ido as crianças nos Estados Unidos, qual era a cidade, qual era a rua, o endereço, qual era o nome do pai adotivo. E me ajudou muito, porque, nesse caso, você matou a cobra e mostrou o pau, quer dizer, eu tive sorte, localizei mães de aluguel, corri atrás e consegui localizar, conversando, conversando, conversando, conversando, cruzando... e na época, era acompanhado (pelo) Alcebíades e o Edmundo, eu trabalhei com os dois nessa matéria, quando não foi um foi outro, porque a investigação durou

mais de uma semana, eu acho.

Roberta – Luis-Sérgio, você matou a cobra, como você falou, mostrou o pau, mas invadiu a casa de uma pessoa...

Luis-Sérgio – É. Então, como eu te falei, eu acho que esse comportamento, o fato de só estar a empregada lá, pouco informada, e eu ter me aproveitado da situação, configuraria uma invasão, sem dúvida. Eu tive acesso às informações aí. Será que eu não faria a mesma coisa hoje? (pensativo) Eu não sei se eu não faria. Talvez eu fizesse, porque, na época, era muita adrenalina,

“A gente queria fazer, e felizmente o grupo que entrou comigo na universidade naquele vestibular era um grupo de pessoas muito legais”

tinha muita adrenalina nessa investigação. E eu tava com tudo ali, (eu disse) “caramba, tá tudo aqui, então detona”. É uma câmera escondida. Agora, configura invasão...

Janis – Isso também foi pela emoção daquele início de carreira...

Luis-Sérgio – Provavelmente sim, provavelmente sim. Eu acho que o jovem repórter, ele, não digo como regra, mas ele tem muito mais gana porque ele quer mostrar serviço, ele quer mostrar que ele é bom, que pode vir a ser um grande repórter, e ele se dá muito mais. Eu lembro que as nossas jornadas no jornal eram jornadas (assim), você entrava e esquece que hora vai sair. Só tem hora para entrar, não tem hora para sair. E era sempre assim e aquilo fazia parte da minha rotina, e eu gostava

daquilo. Eu gostava pra caramba. Mas, a pergunta da Roberta é interessante porque mostra esse tipo de comportamento, e é uma questão extremamente polêmica.

Simões – Luis-Sérgio, você sempre gostou (de trabalhar), foi para o mercado muito cedo. E as cadeiras teóricas? A sua formação humana ficou em segundo plano?

Luis-Sérgio – Na época da minha graduação eu acho que não existia grande ênfase nas disciplinas teóricas. O curso era muito (com ênfase) técnico, nós tínhamos teoria basicamente no básico.

Eram as introduções à filosofia, à sociologia, que tinha naquela época... eu acho que não tinha nem Teoria da Comunicação, deveria checar isso, se tinha era só Teoria (da Comunicação) I, mas muito pouca teoria, e... ah, sim, na época, a Adísia Sá (jornalista e professora aposentada da UFC, trabalhou como ombudsman no jornal *O Povo*) dava uma disciplina que era Fundamentos... o Ronaldo (Salgado, professor editor da revista *Entrevista*) pode me ajudar nisso... Fundamentos Científicos da Comunicação, que a gente fazia. Aí tinha toda uma argumentação mais teórica, (foi) a primeira vez que eu vi (Marshal) McLuhan (teórico de comunicação) sair da boca de alguém, e da primeira vez saiu da boca do Teobaldo Landim, que era um professor nosso que morreu num acidente, também precocemente. Mas tinha bem menos teoria do que tem hoje. Então, fui (para o mercado) precocemente. Isso atrapalhou o curso? Atrapalhou. Hoje eu posso afirmar com toda convicção que atrapalhou. Em alguns momentos eu releguei

algumas disciplinas, em algumas disciplinas eu faltei muito. Isso me atrapalhou, eu me atrasei um semestre do curso, repeti uma disciplina que era o terror dos estudantes, e foi o meu terror, que era Introdução à Estatística, que era uma loucura, ia um professor para o quadro dar estatística e detonava a aula toda, cálculo e um bocadinho de coisa lá. Digo: "Pô, o que é isso, eu não vim para cá para ver isso" (ri), mas acabei passando, e de fato eu diria que atrapalhou. E, na época, alguns professores davam muita indireta pelo fato de eu estar na redação e outras pessoas (também).

Tinha algumas indiretas, e tinha até umas diretas dos professores (ri). E você tinha que administrar isso, claro, e eu acho que eu consegui administrar. Poderia ter vivenciado melhor algumas disciplinas, não vivenciei, e aprendi muito no mercado. Mas o curso, para mim, foi fundamental, foi essencial. Foi essencial na minha formação, mas, principalmente, na minha convivência com colegas e com os professores também. Uma convivência harmoniosa ou com atrito, tanto faz, o importante é que haja essa convivência.

Valente – *Luís-Sérgio, por que entrar no curso como professor tão pouco tempo depois de sua passagem como aluno? Alguma questão de vaidade pessoal ou não?*

Luís-Sérgio – Valente, isso foi acidental, porque, que eu lembre, que eu tenha consciência, eu nunca tive essa veleidade ou a pretensão de vir a ser professor. Na universidade eu tinha um professor que hoje é meu grande amigo, que eu gosto muito dele e tenho enorme admiração, que era o Faria

Guilherme. Eu já conhecia o Faria de antes, porque ele é autor de um livro fantástico chamado *Manual de Revisão*, que é um livro que virou referência nacional. E o Faria gostava muito de mim, me admirava como aluno em sala de aula, e foi o Faria. Eu atribuo o fato de eu ter voltado para a universidade como culpa do Faria, porque foi ele que me ligou convidando para eu ser professor do curso. Como é que aconteceu isso? O Teobaldo morreu num acidente, tá? Na época, eu tava num plantão no jornal O Povo, e fiz a matéria da morte do Teo-

“Eu tive que aprender muito a conviver com as críticas, porque eu fui muito mal preparado para isso (...) Por outro lado, eu te digo (que) eu recebi poucas críticas”

baldo. Na época, até o Teobaldo entrou na chamada da primeira página, acima da dobra, com foto e tal. Eu fiz um lobby (olha para a aluna Herik, pois esta costuma brincar com ele com relação a essa palavra) para isso acontecer, eu achei uma justa homenagem. E, com a morte do Teobaldo, criou-se uma vaga, mas longe de mim imaginar que eu iria... eu nunca pensei. O Faria me chamou, porque a vaga era para uma disciplina técnica, ligada a artes gráficas, a projeto gráfico, alguma coisa assim, que era minha grande fissura, era minha grande coisa. Eu comecei (ri) a minha carreira de “artista”, entre aspas, como desenhista. Aquela história do Padre Nilson para mim foi marcante na minha vida. Daí

eu virei (desenhista), fui trabalhar como desenhista em agência, lá na (gráfica) Tipogresso, do meu amigo (empresário) Luis Esteves. Eu trabalhei com ele quase um ano. E o Faria me chamou, e aí aconteceu, eu entrei como professor emergencial, uma figura jurídica nova que ainda existe hoje que é professor substituto. E, em seguida, eles criaram a vaga formalmente e abriram o edital, o concurso. Eu entrei e passei na prova. Tinha outras pessoas disputando e eu passei. Foi interessante. Mas, como eu falei, foi acidental, totalmente acidental.

Herik – *Quando você era aluno e até depois como professor, como coordenador do curso, você era muito admirado e respeitado, depois a sua relação com os alunos mudou. Como é que você vê aquela relação e como é que é hoje?*

Luís-Sérgio – É, eu tive várias fases no curso de Comunicação. Uma fase inicial, depois eu saí, fui para São Paulo, depois voltei, fui coordenador do curso, uma fase de muito trabalho... são fases na vida da gente. E teve uma fase, quando eu voltei para o Jornal O Povo, e quando eu deixei o Diário (do Nordeste, jornal de maior circulação no Estado), que fui para São Paulo, eu disse: “Olha, nunca mais eu volto para redação”. Não que eu detestasse redação, mas eu não queria mais, acho que já tinha superado todas as fases, até (que) fui seduzido para voltar para o jornal O Povo. E foi nessa minha volta que eu me embriaguei novamente pelo jornalismo. E aí eu negligenciei a universidade. Negligenciei assim, comecei a colocar a universidade em segundo plano. Quer dizer, não era mais prioridade dentro da minha



Durante a pré-entrevista Luís-Sérgio colocou um CD do cantor inglês Sting. As músicas The English man in New York e Every move you make marcaram essa pré-entrevista.

Oh, can't you see/You belong to me/How my poor heart aches/With every step you take - eram os versos de Sting durante a pré-entrevista. Ele é um dos cantores favoritos de Luís-Sérgio.



O entrevistado abriu para a equipe de produção uma gorda pasta com exemplares de sua produção jornalística. As fotos de nomes conhecidos publicadas em outra época chamavam a atenção.

cabeça, porque eu estava fascinado, eu tava apaixonado por outra coisa, tinha me apaixonado novamente pela experiência nova, porque tudo o que eu vivenciei na minha segunda fase de jornal O Povo era totalmente diferente do que eu já tinha visto na fase anterior, porque no jornal eu tava iniciando uma experiência nova para a qual não fui treinado, que era uma visão mais gerencial, mais empresarial. É *(essa experiência)* acabou tendo uma influência marcante em mim. Aí eu *(me)* afastei, tive índices de faltas em sala de aula enormes. Isso causou um desgaste enorme para a minha imagem dentro do curso, eu tenho consciência disso. Na época, eu não tinha *(consciência)* exatamente porque eu acho que um homem apaixonado fica cego. Eu acho que eu fiquei bastante cego para isso, então, eu disse: “Tá, tudo bem, tem um desgaste, eu administro depois”, alguma coisa assim. Mas foi ruim, eu avalio como uma coisa ruim, e hoje eu acho que estou começando a administrar bem essas duas faces de um pé na universidade e um pé no mercado. *(É)* uma coisa que começa a ficar bem harmoniosa e acho que vai ficar mais harmoniosa ainda no futuro. Mas teve essa fase, realmente, que representou para mim um enorme desgaste.

Daniele – Professor, eu gostaria de saber como o senhor define o bom jornalismo e o bom jornalista.

Luís-Sérgio – Bem, eu acho que o bom jornalista ele é essencialmente repórter. Ele é o grande apurador. Eu sou muito conservador nesse ponto, eu acho que o jornalista, ele tem que ter sido testado como repórter, como apurador e como redator de notícia. Eu tenho uma visão bem conser-

vadora, eu não diria reacionária da profissão, mas quase isso, essa visão de *(que)* jornalista tem que ser repórter, essencialmente repórter, apurador, redator e preciso. Eu acho que nesse aspecto, na minha fase de repórter, eu não lembro de imprecisões. Claro que todos nós somos falíveis, mas eu não lembro de grandes imprecisões. Essa matéria do Prêmio Esso não teve uma imprecisão *(com ênfase)*, e você *(ele se refere a ele mesmo, embora usando a expressão)* você tava pisando numa areia, num terreno altamente movediço, qualquer

“É, eu tinha uma admiração - como tenho ainda hoje - brutal, fantástica, pelo Mino Carta. Eu era fascinado pelo Mino Carta e pelo projeto da Veja”

coisa você poderia ser detonado ali, ser acionado judicialmente. Esse é o bom jornalista, para mim. Ele é essencialmente repórter, apurador, checador, cruzador, e tem que ter um texto funcional, para começo de conversa, depois ele até pode virar um estilista, mas primeiro ele tem que ter um texto funcional, aquele que resolve, que entrega, tem a idéia e ele entrega, ele te dá a notícia que vai sair no dia seguinte. Depois, ele pode virar um Paulo Francis *(jornalista já falecido, foi comentarista da rede Globo)*, um estilista, um Elio Gaspari *(jornalista italiano naturalizado brasileiro, foi chefe de redação da revista Veja)*, um Mino Carta, mas isso é uma segunda fase, eu não pediria tanto dele nesse momento.

Daniele – O bom jornalismo.

Luís-Sérgio – O bom jornalismo, do meu ponto de vista, é aquele que atende de modo relativamente equilibrado às demandas do leitor, que, em última instância, é o cara que tá pagando a conta. É o cara que tá pagando, que tá te remunerando. Porque, quando o leitor compra o jornal, compra a revista, ele tá pagando o teu salário, tá pagando a folha de pagamento da empresa, tá pagando o preço do papel, o preço da tinta, tá pagando todos os insumos. Aí, você vem e diz: “Não é a publicidade?”. É, sim, a publicidade, mas indiretamente quem paga é o leitor, porque o anúncio só sai porque o jornal tem leitor. Se o jornal não tivesse leitor, ninguém anunciaria nesse jornal. Então, o bom jornalismo é esse que atende, equilibradamente, ou regularmente, essa necessidade, esse desejo, esse anseio do leitor. Precisar isso é muito difícil. Precisar

isso, realmente, é muito difícil. Quando eu digo “atende regularmente”, deve-se ao fato de que ninguém nunca vai atender a uma demanda 100%. Eu acho que a relação da imprensa de um modo geral e em especial do jornal com o seu leitor é uma relação de amor e de ódio, e essa relação é interessante. Se o jornal te atende *(em)* tudo, se ele é muito bonzinho, eu acho que ele não vai te satisfazer em algum momento. Você tem que ter uma certa correlação de forças, não sei. Ele tem que desagradar um dia, você pode *(dizer)*: “Pô, que jornal vagabundo, que editorial nojento esse aqui”. Aí, você escreve para o jornal, o jornal publica a tua carta, você liga para o dono do jornal, para o editor, ou, se tiver, o ombudsman. *(Tem que*

Luís-Sérgio tem uma péssima memória para datas e acontecimentos de sua vida. Muitas informações dadas por ele nas pré-entrevistas não conferiram na checagem.

ter) esse tipo de convivência, de opostos.

Jhon – *Ela perguntou sobre qual o bom jornalismo e qual o bom jornalista. E você respondeu sempre com um viés técnico. Eu queria que você falasse do ponto de vista ético.*

Luis-Sérgio – Eu acho que essa resposta técnica é também uma resposta ética, porque, na medida em que a técnica atende a minha necessidade, eu tô sendo ético. (Se) atende à necessidade do leitor, eu tô sendo ético. A coisa mais ética que pode haver no jornalismo é a precisão. E a precisão é o quê? A precisão é uma variável técnica. Então, na medida em que você é tecnicamente bom, você está sendo eticamente correto.

Daniele – *O senhor não acha que está resumindo o jornalismo à técnica, falando isso?*

Luis-Sérgio – Não, veja bem, você tem vários momentos no jornalismo. Eu, normalmente, quando começo a falar sobre este assunto, me reporto primeiramente ao jornalismo informativo, ao jornalismo factual. Então, nesse primeiro momento do jornalismo, que é a notícia, que se traduz na notícia, sem dúvida a técnica é muito importante, eu diria essencial. Depois vêm outras coisas, vem o estilo. Porque a técnica começa na apuração, começa no modo como você vai traduzir a informação para o leitor, de modo a ser preciso, a ser redundante para não deixar a segunda leitura, a segunda impressão.

Daniele – *O senhor defende a imparcialidade?*

Luis-Sérgio – Olha, existem grandes utopias no jornalismo, a imparcialidade é uma delas, é uma utopia. Eu acho que todos nós devemos perse-

guir a imparcialidade. Por que eu digo que é uma utopia? Porque o ser humano é essencialmente passional, então, se nós somos passionais, se nós temos emoções, se nós sentimos, se nós nos emocionamos, nesse sentido, a imparcialidade passa a ser uma utopia. Por quê? Porque ela é difícil de ser conseguida. No entanto, nós perseguimos. Ora, você sabe, você diz: “Eu sou imparcial”. Mas, dialeticamente, você, quando diz que é imparcial, você cria um oposto a imparcial, você diz: “Eu sou parcial”, porque você pode falhar tecnicamente e, sem

“A pior coisa do mundo é você receber um telefonema anônimo te ameaçando (...) quando você sabe onde está a ameaça, maravilha, mas nesse caso não”

querer, você vai ser parcial. Na sua imparcialidade ou na busca pela imparcialidade, o modo como você angula um fato pode demonstrar para o leitor que tá lendo a tua notícia, pode denotar para ele uma parcialidade. (Ele diz:) “Pô, por que ela privilegiou isso?”. Mas, dentro do teu conceito de parcialidade, dentro da tua verdade, você tá correta (com ênfase), está tecnicamente correta, está eticamente correta. (Mas) o leitor não achou isso no dia seguinte. Já começa, então, uma discussão polêmica.

Eu vejo a imparcialidade como uma utopia que nós devemos perseguir como a doutrina da objetividade. A imparcialidade é uma variável da doutrina da objetividade. São coisas difíceis, no entanto,

nós perseguimos isso o tempo todo, devemos perseguir. Agora, isso na notícia. Nos outros estilos jornalísticos eu acho que você tem que emitir sua opinião. Na análise de conjuntura, que as revistas fazem e os jornais fazem muito bem também, mas principalmente as revistas, você tem opinião lá. Então, você não tá sendo imparcial, tá sendo passional, tá sendo parcial, você tá dando a sua opinião. E as pessoas querem saber o que você pensa, querem saber o que eu penso. É muito importante saber o que você pensa. Quando eu trabalhava no jornal O

Povo (ri), eu escrevia durante um tempo a coluna política, nas segundas-feiras, e o Demócrito (Dummar, dono do jornal) dizia (imitando a voz): “Meu filho, (ri) continue escrevendo essa coluna que eu quero saber o que você está pensando”. E ele tem razão, é legal quando você tem oportunidade de ler a opinião do outro. Você sabe o que aquela pessoa

está pensando, você pode argumentar melhor com ela, contra ou a favor, mas você sabe, há uma transparência na relação. Eu não sei se eu respondi tua pergunta.

Erivaldo – *A sua ascensão profissional teve um preço. Você passou a colecionar desafetos pessoais, inclusive. Como é que você trabalhava internamente esse impasse, o preço da vitória?*

Luis-Sérgio – (suspira) Eu não me considero uma pessoa que se deslumbra fácil com as coisas. Eu acho que a palavra não é nem adequada para traduzir essa fase que eu vivi principalmente nessa segunda fase de jornal O Povo, onde o dono do jornal me proporcionou uma experiência totalmente nova que



Entre as pessoas convidadas a dar depoimento sobre o entrevistado, uma se destacou. Dona Maria do Carmo, mãe de Luís-Sérgio, é uma pessoa de simplicidade cativante.

Segundo ela, Luís-Sérgio tinha uma vocação sacerdotal na infância que acabou se perdendo. Ela fazia gosto que o filho fosse padre, mas nunca chegou a incentivá-lo.



Um depoimento comum a algumas das pessoas entrevistadas foi o fato de Luis-Sérgio ser apontado como uma pessoa de extremos: quem não o ama, o odeia.

era a de fazer uma reengenharia nas várias editorias do jornal, e foi muito legal isso aí, isso me fascinou muito. Eu assumi posturas que depois eu fui ver (*que*) significaram certas rupturas de comportamento, de relações. Mas, na época, eu não avaliava o desgaste. Ou, se avaliava, isso não me preocupava muito. Eu tava tão envolvido, tão embriagado com essa coisa, tava tão fascinado por isso, talvez essa convivência com o poder de decidir, de poder determinar, de influir, de comandar as pessoas, de conviver com as pessoas... Isso talvez tenha me fascinado tanto que eu achei o resto pouco relevante, e a minha vida passou a ser voltada quase que 100% para essa fase nova. Isso significou um enorme desgaste para mim, e sem dúvida teve um impacto psicológico na minha cabeça. Teve impactos no meu sistema operacional (*Luis-Sérgio refere-se ao seu sistema nervoso*). Eu lembro que nessa fase de jornal O Povo eu tive uma paralisia na mão, quer dizer, isso em decorrência de problemas circulatórios. Talvez estresse, porque tinha uma carga de estresse enorme. Então, teve esse desgaste, de fato. Teve muito (*com ênfase*) desgaste.

Herik – *Como nós estamos falando em ética, entre as desavenças que o senhor colecionou na época de jornal O Povo, assumindo cargos de confiança, estão os atritos com o Sindicato dos Jornalistas. Qual sua opinião sobre os profissionais serem substituídos por estudantes?*

Luis-Sérgio – (*ri, encabulado*) É, uma das minhas ações na redação, como você disse muito bem, como homem de confiança da empresa, do dono do jornal, foi mudar peças

da equipe, mudar pessoas, substituir pessoas, passar pelo desconforto de ter que demitir alguém. Isso é extremamente desconfortável. Eu adoro admitir, mas demitir é péssimo. Na época, eu lembro, eu convidei muitos estudantes para a redação do jornal. Eu não sei se inconscientemente eu estava querendo provocar alguém ou alguma coisa, a instituição talvez. Eu sei que nessa época a minha relação com o Sindicato dos Jornalistas ficou estupidamente deteriorada, mas, que eu me lembre, eu nunca percebi, nunca houve um confronto direto, nem com

“Eu acho que o jovem repórter, não digo como regra, mas ele tem muito mais gana porque ele quer mostrar serviço, ele quer mostrar que ele é bom”

o sindicato nem com ninguém. Se houve um confronto direto, foi com a empresa. Eu sabia que tinha comentários, uma série de coisas. A gente sentia alguma coisa, mas, confronto direto não. Quer dizer, que eu me lembre não. O que desgraçava o sindicato era a minha postura, que seria uma postura (*de*) filho da puta. (*Eles deviam dizer:*) “Pô esse cara é filho da puta mesmo, ele tá defendendo de modo intransigente os interesses corporativos da empresa”. Essa pode ser uma análise. A outra, o fato de eu ter convidado vários estudantes, e ter chegado ao ponto de - num ato extremo, de insanidade, ou de provocação, não sei - ter colocado um desses alunos como editor, numa editoria estratégica do jornal que foi a

editoria de política.

Simões – *Você se arrepende disso?*

Luis-Sérgio – Não, eu não usaria a palavra arrepender, (*hesita*) não, talvez se você perguntasse se eu faria isso novamente. “Você faria isso novamente hoje?” Eu diria eu não sei, eu não sei, sinceramente, se eu faria ou não, o que eu posso te dizer, Simões, é que naquela conjuntura, foi uma estratégia que eu vi de promover um choque heterodoxo dentro da editoria de política, que é uma editoria estupidamente viciada, de repórteres viciados, de repórteres que cobriam câmara, recebiam dinheiro da Câmara (*Municipal*), de repórteres que cobriam a Assembléia (*Legislativa*) e que recebiam dinheiro, de repórteres que cobriam parlamentar e era assessor de imprensa desse parlamentar, então existia uma coisa extremamente viciada. E uma cobertura de política que se limitava a cobrir as casas parlamentares (*ele se refere aos poderes legislativos estadual e municipal*)). Não se cobria executivo nem municipal, nem estadual. Então a gente rompeu com a editoria de política. A gente começou a criar pautas. “Ah!, vamos fazer uma pauta, a pauta era fazer uma matéria sobre o modo como o (*ex-governador*) *Ciro Gomes* falava. O populismo verbal de *Ciro Gomes*, como estratégia de se mostrar uma pessoa do povo, que emergiu do povo. A gente criou uma matéria interessante, com o “Glossário do *Ciro Gomes*” (*risos*) E este tipo de coisa. Uma vez fotografamos também, fizemos uma matéria com o (*senador*) *Beni Veras* (*atual vice-governador do Estado*) na casa dele e aí apareceu uma foto enorme

Na noite anterior à entrevista a equipe de produção saiu com Luis-Sérgio para o Buffet La Maison. O forró brincava na sanfona de Valdonis, que se apresentou na ocasião.

dele, ao lado da piscina, e aquela foto deu várias interpretações. “O cara, é social-democrata!”. E aliás, o Beni era meu grande amigo, mas uma das interpretações que deu é que “Ah! Esse cara é um super burguês”, essa coisa. A gente começou a fazer pautas heterodoxas, pautas diferentes da coisa. Isso causou graves problemas. Tinha que administrar isso. Eu recebia pressão. Mas eu tinha carta branca da empresa. Total. Aliás, o dono do jornal não estava nem aí para o que estava acontecendo na redação nessa época.

Débora – *Por que que o senhor acha que os alunos deviam fazer o papel de jornalistas e os jornalistas, naquela época, não foram chamados para o diálogo?*

Luís-Sérgio – Eu acho, Débora, que isso pode ter sido um erro estratégico meu, uma falha, uma má avaliação e um preconceito. Eu acho que eu atribuo isso de certo modo a uma visão preconceituosa, que hoje eu não teria. Eu não tenho essa visão hoje. Então hoje a gente consegue... certamente essa visão foi embora, mas naquela época estava muito com o objetivo de mudar tudo. E eu tive uma influência brutal nisso. Uma influência negativa nisso, que foi a influência da Folha de São Paulo (*jornal de repercussão nacional, editado em São Paulo, pela empresa jornalística Folha da Manhã*). Eu tinha acabado de fazer dois cursos na ECA (*Escola de Comunicação e Arte, da Universidade de São Paulo – USP*) com (o jornalista) Carlos Eduardo Lins da Silva, que era o Secretário de Redação da Folha. Um dos cursos foi sobre o manual de redação e o outro foi sobre teorias norte-ameri-

canas de jornalismo. E o Carlos Eduardo era o operador da Folha, e a Folha tinha feito algo parecido e tinha virado um demônio. Eu tinha essa influência da Folha. E eu externei no jornal O Povo. Tinha toda aquela onda. E tinha uma componente marqueteira nisso. Tinha uma componente de marketing, que era buscar uma convergência do Povo com a Folha. Essa influência eu sabia na época, era uma influência consciente e hoje eu avalio como uma influência negativa, que eu tive naquela época. Negativa nesse sentido, nesse aspecto. No aspecto de eu ter

“Fui (para o mercado) precocemente. Isso atrapalhou o curso? Atrapalhou. Hoje eu posso afirmar com toda convicção que atrapalhou”

privilegiado muito os estudantes, como a Folha fez. Só que a Folha tinha uma vantagem e nós não tínhamos. A Folha tinha um curso de *Trainée* (*expressão francesa adotada nas redações dos grandes veículos de comunicação e em outras empresas, com o significado aproximado de estagiário*) que nós nunca tivemos. Lá tinha um curso de *Trainée* que é um sucesso. Mas, sobre arrependimento, não.

Jhon – *Houve um conflito direto com o Sindicato dos Jornalistas e o senhor também tinha consciência disso na época, eu acredito. E o Sindicato era dirigido por pessoas que eram de sua convivência pessoal, inclusive amigos bem próximo de universidade. O senhor ti-*

nha consciência de que essa briga que o senhor estava comprando com o sindicato, ela também traria prejuízos no seu relacionamento pessoal?

Luís-Sérgio – Eu não tinha consciência exata. Na verdade eu negligenciei essa parte. Total. Eu negligenciei essa parte total. Não passou a ser relevante para mim. Quer dizer, como eu te falei antes, eu estava tão fascinado com aquela fase nova, aquela oportunidade fantástica que eu estava tendo de experimentar, inclusive a gente experimentou para caramba, fizemos muitas experimentações. Algumas deram muito certo, outras não deram certo. Uma experimentação que não deu certo foi, por exemplo, foi o Leonardo (*Pinto, então com 20 anos. Na época, era estudante de Jornalismo na UFC*) como editor de política. Depois a gente teve que mudar (*prolongado riso solitário*). Tivemos que mudar, mas ainda hoje o Leonardo é

meu amigo, continua como repórter (*mas não trabalha no jornal O Povo hoje*). Nós experimentamos bastante. Isso, Jhon, eu não diria que me cegou, mas me obstinou. Foi a minha obstinação daquele período. E, realmente, compramos, houve rupturas de relação, com certeza. Houve um enorme desgaste. Como eu te disse, nunca rupturas formais. E tive poucas rupturas formais na minha vida. Houve rupturas silenciosas, informais.

Delane – *No livro Gente de Imprensa, da jornalista Ian Gomes, lançado em 1996, o senhor como entrevistado disse que é defensor do livre mercado, que o jornalista tem um certo poder de barganha. Que pode negociar os próprios salários. No mesmo livro, logo*



A noite terminou no bar Capitão Mostarda. A expectativa era grande para a entrevista. Tivemos de nos conter para não começar uma sessão de perguntas lá mesmo.

O próprio Luís-Sérgio empolgou-se e chegou a contar alguns fatos de sua vida, mas tratamos de esfriar os ânimos para não comprometer as expectativas.



A entrevista foi realizada no hotel Seara, na avenida Beira-mar, numa tarde ensolarada. Teve início às 14:40 hs e durou duas horas e meia.

mais, o senhor afirma que o único meio da categoria barganhar os melhores salários é através do sindicato, do fortalecimento do sindicato. O senhor continua com essa mesma opinião e qual o melhor meio do jornalista buscar melhores condições de salário?

Luís-Sérgio – Eu concordo. Eu acho que o sindicato é uma ferramenta. É uma estratégia eficiente. Eu acho que os sindicatos, de um modo geral no Brasil, eles se fragilizaram muito. Alguns sindicatos se fragilizaram demais, porque não se adaptaram, não se reciclaram, não se adaptaram à nova realidade do mercado, não se adaptaram às novas relações e não buscaram novos caminhos. Um novo caminho que os sindicatos poderiam ter buscado era criar cursos de aperfeiçoamento, intervir, ter o seu próprio jornal. Ter uma atividade política, mas não política alinhada a um partido, a uma doutrina. Mas uma atividade política

de presença forte no mercado. Ser uma voz forte como uma instituição. Como algumas instituições patronais são. Como algumas instituições de empregados são. Por exemplo, a OAB (*Ordem dos Advogados do Brasil*) é uma instituição que tem muita voz no Brasil. A ANJ, que é o sindicato dos donos de jornal, a Associação Nacional de Jornais, e a FENAJ (*Federação Nacional de Jornalistas, que coordena os sindicatos dos jornalistas profissionais no Brasil*), que já teve muita, já teve menos e agora me parece, tá começando a reagir novamente em termos de resgatar o prestígio e o poder político que já teve. Eu vejo que o sindicato é de fato a grande estratégia. Agora eu acho que tem que se desapegar um

pouco os sindicatos. No nosso sindicato, por exemplo, teria que se desapegar um pouco, desarmar um pouco da questão ideológica alinhada a um partido, a uma doutrina. Teria que dialetizar mais o sindicato e ao mesmo tempo fortalecê-lo, politicamente. Como fazer isso, realmente eu não sei, mas teria que se abrir. Fazer uma grande distensão. Tá certo? Não que ele vá passar a ler pela cartilha dos donos. Não. As posturas são posturas dicotomizadas. No capitalismo isso existe. Isso funciona. Mas não partir também para rupturas. Rupturas estruturais.

“...isso foi acidental, porque, que eu lembre, que eu tenha sã consciência, eu nunca tive essa veleidade ou a pretensão de vir a ser professor”

Agora, a tua pergunta tem uma fase inicial que eu perdi.

Delane - *Você concorda, ainda tem a opinião de que o sindicato é o meio para angariar melhores salários? Qual seria o melhor meio, atualmente, para o jornalista barganhar?*

Luís-Sérgio – Veja bem. Os jornalistas, com essas novas profissões, essas novas oportunidades de mercado que surgiram para os jornalistas, uma maneira de você barganhar salário é você deixar um emprego e ir para outro. Na minha carreira, sempre que eu melhorei salário, foi saindo de um jornal e indo para um outro jornal. Largando um e eu sempre ia com uma melhora. Tive poucos aumentos, que não os gatilhos, tive poucos aumentos dentro da própria

redação. No jornal O Povo eu tive alguns porque eu mudei de função, de repórter para redator, e tal. Depois passei por várias fases. E nessa minha última fase de jornal O Povo teve várias mudanças de salário. Para cima. A outra maneira de você pressionar por melhor salário é você se *cacifar* (no sentido de *adquirir cacife, ter vantagem*) profissionalmente. É se mostrar. “A Delane, pô, é uma grande repórter”. Você passa a ser visto pelo mercado. E aí entra a questão do livre mercado. Eu acho que essa correlação de força é determinada pelo modo como você está dentro do mercado. Normalmente, um jornalista aumenta o salário dele é quando ele deixa a empresa para ir para outra. Ou então quando ele pressiona a própria empresa dele por um aumento. Porque nenhuma empresa, mesmo hoje quando se fala de “Gestão de Qualidade Total”, o *nego* chega para você e diz: “Toma para você eu vou te dar isso”. Pode até fazer isso, mas como paliativo, como pirulito. Mas de fato, um aumento qualitativo nenhuma empresa faz.

Daniele – *O senhor acabou de falar que o sindicato tem um papel importante. Mas ao contratar estudantes no lugar de profissionais, o senhor não acha que contribuiu para o enfraquecimento do sindicato?*

Luís-Sérgio – Acho. Contribui. Sem dúvida. Eu não me arrependo. Naquela época, como eu já falei, eu estava dentro de uma lógica diferenciada, numa outra conjuntura. E aquilo enfraqueceu.

Débora - *Mas você fazia parte...*

Luís-Sérgio – Eu fazia parte, sim. Eu não sei se enfraqueceu de fato. Mas

Foi o próprio Luís-Sérgio quem reservou o hotel, em nome da editora InsideBrasil. Ele assumiu o papel da equipe de produção e ajudou a organizar a sala, pedindo o suprimento de água mineral que nos abasteceria durante a entrevista.

pode ter contribuído e talvez tenha contribuído, realmente. Mas a minha prioridade, naquele momento, não era o sindicato. Era a empresa. Era a Redação que eu achava que eu poderia fazer, que eu queria fazer. Essa passou a ser a minha prioridade. Então se quebrou algumas taças.

Delane - Na sua opinião, trazer estudante para dentro da redação houve alguma vantagem? Os objetivos foram alcançados?

Luís-Sérgio - Eu acho que houve grandes vantagens. Uma vantagem é que acordou vários profissionais que estavam adormecidos em berço esplêndido. Criou uma competição dentro da redação. E eu queria essa competição dentro da redação. Eu queria uma disputa dentro da redação. Eu queria provocar algum tipo de motivação. Então isso foi legal. E revelou grande nomes. Revelou nomes, muitos nomes. Que estão aí no mercado. Aqui ou fora daqui.

Roberta - Luís-Sérgio, valeu a pena discutir com o sindicato, criar atritos com pessoas que eram ligadas a você, para colocar esses estudantes lá?

Luís-Sérgio - Roberta, como eu falei, nunca tive atrito direto com o sindicato.

Roberta - Mesmo que indiretamente...

Luís-Sérgio - Indiretamente nunca houve um diálogo direto com o sindicato, que me envolvesse não. Talvez se o sindicato procurou foi a empresa e eu nunca participei disso. Eu não lembro disso, nunca houve uma ruptura formal, nunca houve um "olho no olho", sentar e: "Olha, vamos discutir nossas diferenças, você está agindo como um filho da puta, nós vamos te expulsar, você..." Nunca hou-

ve essa conversa que você tem, normalmente, quando você chega e uma situação limite. Dizer: "Pô, cara, nós vamos ter que conversar, agora, vem cá, senta aí, fala o que está acontecendo com você? Por que que você está fazendo isso?"

Erivaldo - Alguém do sindicato chegou a procurá-lo?

Luís-Sérgio - Nunca (todos ficam em silêncio prolongado).

Lívia - Luís-Sérgio, você disse que não se deslumbrou com as coisas, mas que tinha se apaixonado quando

"...fui seduzido para voltar para o jornal O Povo. E foi nessa minha volta que eu me embriaguei novamente pelo jornalismo. E aí eu negligenciei a universidade"

entrou no O Povo e foi trabalhar com a direção. O poder lhe subiu à cabeça? Isso foi que fez você ter contratado estudantes? O poder lhe fascinou?

Luís-Sérgio - Lívia, talvez, hoje, já bastante distanciado, já bem fora do objeto, já bem distanciado, talvez o poder tenha me subido à cabeça. Aquela oportunidade de fazer. Uma coisa que eu queria tanto fazer e não sabia que queria, mas na hora que eu vi lá eu estava dentro daquela engenhoca e estava totalmente envolvido e contaminado por aquilo. Talvez o poder tenha me subido à cabeça. Eu acho que subiu. É difícil para as pessoas admitirem isso, mas eu acho que subiu. Realmente, para você tomar algumas

medidas que desagradaram tantas pessoas, mas que agradaram a várias outras pessoas, não é? É um risco que você corre. Você não sonha em desagradar alguém quando você não faz, quando você fica inerte, quando você fica imóvel.

Janis - Quando você estava com o poder nas mãos, como editor-executivo no jornal O Povo, você mexia muito na editoria de política, refazia páginas, editava manchetes de última hora. E isso acabou criando uma guerra interna no jornal, na redação. É verdade?

Luís-Sérgio - (Silêncio prolongado) Tinha muita briga, internamente. Tinha muita disputa. Tinha briga mesmo, dentro da redação. Hoje eu vejo: "Pô, tô brigando com o grupo de fora e tô brigando com grupo de dentro". Mas tinha briga mas o resultado acabava sendo bom.

Erivaldo - Bom para quem?

Luís-Sérgio - Para todo mundo. E hoje, (ouvir das pessoas): "Puxa, cara, que fase legal aquela, como foi legal". Eu escuto muito isso de algumas pessoas, meus contemporâneos naquela época. Existia muito poder mas existia muito aprendizado coletivo. E o conflito faz parte. É porque nós brasileiros, nós ocidentais estamos muito pouco preparados para o conflito. A universidade não treina você para o conflito. Eu acho que a universidade deveria treinar as pessoas para o conflito, dando cursos de ciência política, de administração, onde você estuda essas questões conflituosas. Porque o conflito faz parte da nossa vida, em menor ou maior grau, mas ele está lá. E nós estamos muito despreparados para isso. E uma estratégia que eu usei para



Luís-Sérgio chegou ao hotel Seara acompanhado de sua esposa Isabela Martin. Sem descer do carro, Isabela se despediu da turma e voltou para a sede da revista Inside.

Luís-Sérgio chegou quinze minutos antes da entrevista. Ele trajava um blazer preto, calça jeans, camisa branca listrada e trazia consigo uma pasta preta de conteúdo até então ignorado.



Outro embrulho que trazia debaixo do braço era um litro de uísque da marca Red-Label. Para a infelicidade de alguns (muitos) o uísque permaneceu intacto durante e após a entrevista.

administrar o conflito foi me omitir em alguns casos, fazer ouvido de mercador noutros. Empurrar com a barriga noutros. Uma maneira de administrar a coisa. Não como regra o tempo todo, mas pontualmente, aqui ou ali.

Herik - *O senhor foi um dos entusiastas da criação da função de ombudsman (profissional pago por órgão oficial ou empresa privada para representar os interesses do público. Em jornalismo, é o advogado do leitor) no jornal O Povo. E foi a pessoa da jornalista Adísia Sá que entrou no cargo, a quem o senhor chamava de "minha mestra". Só que a relação entre a ombudsman e a redação ficou conflituosa, desgastada, com visões diferentes. O que realmente aconteceu nessa época?*

Luís-Sérgio - De fato, eu fui um entusiasta da idéia da ombudsman, mas a idéia veio da cabeça do dono do jornal, do Demócrito, que tem idéias bem interessantes, fica pensando o tempo todo. E a idéia foi dele. Tinha influência da Folha. Mais uma vez a influência da Folha. A Folha já tinha implantado ombudsman no Brasil. E o Demócrito "Vamos fazer ombudsman". Eu disse: "Pô, será que nós podemos fazer ombudsman?". Na época nós cometíamos muitos erros técnicos, porque o jornal era feito literalmente na mão, o past up (a paginação) na munheca. Eu participei da transição do jornal. Metade da redação era (máquinas) *Hemingthorn*, de escrever e a outra metade de terminais (riso de deboche), máquinas horríveis. Anacrônicas, já. A gente cometia muitos erros técnicos. Algumas coisas de revisão, de página errada. Eu disse: "Puxa vida, será que nós

estamos (preparados)?". Mas fui entusiasta, fiz a articulação para a Júnia Nogueira de Sá (à época, ombudsman do jornal *Folha de São Paulo*) vir a Fortaleza.

A escolha do nome da Adísia foi uma escolha pessoal, do Demócrito. Toda a redação aplaudiu a escolha. Eu adorei a escolha. Gostei muito. Trouxemos a Júnia aqui, fizemos um evento, solenidade, muito "oba-oba", matérias... A Júnia era minha amiga, já tinha trabalhado com ela em São Paulo, já tinha tido uma experiência como correspondente da Folha aqui. Ela era diretora

"Eu acho que nesse aspecto, na minha fase de repórter, eu não lembro de imprecisões. Claro que todos nós somos falíveis, mas eu não lembro de grandes imprecisões"

da Agência Folha (agência de notícias, integrante do Grupo *Folha da Manhã*, que edita a *Folha de São Paulo*). Quando eu morei em São Paulo eu morei na casa do marido dela, que alugou para mim. Eu a conheci quando ela veio fazer uma matéria aqui, na eleição da Maria Luíza (Fontenele, *prefeita de Fortaleza, de janeiro de 1986 a 1988, pelo PT*). Nós ficamos amigos a partir daí. Então ela veio. Eu lembro que eu e a Adísia, nós fomos ao aeroporto (Pinto Martins, *hoje internacional*) receber a Júnia (riso solitário). A Júnia desse tamanho e a Adísia pequenininha (faz gestos com as mãos para comparar o contraste entre as estaturas da duas) e tal. E a Adísia

excitada: "Cadê ela, chegou? Vamos recebê-la". Tinha uma relação muito convergente. Os atritos começaram no decorrer da atividade do ombudsman, mas do meu ponto de vista eram atritos naturais. Mesmo as brigas violentas eram atritos naturais da atividade. O que eu não tolerava na Adísia era o fato de em alguns momentos ela confundir a atividade de ombudsman, que é uma atividade onde o sujeito está fora do objeto, com uma atividade executiva. Tem até grandes coincidências. Nós nascemos no mesmo dia, somos do mesmo signo, fica mais fácil conhecer a personalidade mandona da Adísia porque em alguns momentos eu também sou mandão.

Erivaldo - *A professora Adísia continua sendo sua mestra ou ela é a "Bedel de Redação" (Luís-Sérgio no livro de Ian Gomes a considera como "minha mestra". A professora Adísia Sá, no livro "Clube dos Ingênuos", em que relata a experiência como ombudsman, revela que, quando Luís-Sérgio foi editor-executivo do jornal O Povo, chegou a ser chamada por ele como "Bedel de Redação")?*

Luís-Sérgio - Eu acho que a Adísia é a mestra de todos nós. Não adianta por causa de uma posição, da qual eu discordo dela, porque ela tinha uma visão equivocada, ela achava que ombudsman podia ter uma visão executiva, eu acho que isso não vai tirar o impacto da Adísia na minha formação. A influência na cabeça de toda uma geração de jornalistas no Brasil. Em nenhum momento. Eu estaria sendo irresponsável se eu considerasse isso. Houve um distanciamento, porque eu achei desrespeitoso o modo como a Adísia Sá me tratou,

A sala em que foi conduzida a conversa tem vista para o mar. Luís-Sérgio abriu as cortinas, mas a equipe de produção logo as fechou, com receio da dispersão da turma.

numa entrevista publicada no jornal O Povo, quando eu já estava fora do jornal (*a entrevista saiu no dia 28 de julho de 1998. Luís-Sérgio saiu do jornal O Povo em 1997*). Quando eu estava dentro do jornal ela nunca tinha colocado aquilo que ela colocou quando eu já estava fora do jornal. Numa entrevista, onde ela escreveu um livro, eu esqueci o título agora...

Todos - (em coro) *Clube dos Ingênuos*.

Luís-Sérgio – No Clube dos Ingênuos, todas as referências que ela faz ao meu nome, eu acho que em torno de seis ou sete, são referências negativas. Eu achei que isso não é correto. Isso não é sério. Ela não foi correta. Não vou usar a palavra “ética” não. Mas ela não foi correta. Com relação a isso eu fiquei extremamente irritado e dei uma resposta para ela. Não escrevi uma carta para o jornal. Eu escrevi no editorial da revista Inside. Coloquei meu ponto de vista. Recebi vários telefonemas de pessoas da redação do jornal O Povo, e olha que eu já estava fora, dizendo: “Puxa, cara.. Mas é isso mesmo. Você tinha razão”. O que eu queria pontuar é que minha função era executiva. A minha função era de mando. E a dela não. Ela era o ombudsman do jornal. Ela fazia a leitura crítica do jornal, tinha que encaminhar e esperar os procedimentos. E outras coisas que ela cometeu, que eu considero erros éticos graves, que é de publicar o nome do repórter na coluna dela. Do meu ponto de vista, quem falha é o editor. Quem falha sou eu, que sou o editor que publicou a matéria mal apurada e nunca o repórter. Então ela tinha isso. Eu mandava no relatório, dizendo: “Olha, não faça isso,

a culpa técnica é do editor. Detona o editor. A gente pode até demitir o editor. Se mudava gente. Se fazia muita rotação de gente. Ela cometia esses deslizes que eu considerava graves. Mandava para ela por escrito. Existia essa correlação de forças, mas eu encarava isso como uma coisa profissional. Eu lembro uma vez que ela citou o nome da Isabella Martin (*esposa de Luís-Sérgio*), na coluna dela, de ombudsman, porque a Isabella na época escrevia a coluna “Vertical” e tinha cometido um erro, que ela considerou um erro técnico, e a Isabella demons-

“E a precisão é o quê? A precisão é uma variável técnica. Então, na medida em que você é tecnicamente bom, você está sendo eticamente correto”

trou que não era, que estava correto. E ela colocou na coluna só a denúncia, a acusação, e a resposta, ela colocou no *paper* interno, no relatório interno. Ela não colocou na coluna. São essas coisas aí que começaram a (*me fazer*) ver uma postura diferente na Adísia. Depois que eu publiquei meu ponto de vista, ela me escreveu uma carta. Uma carta, onde naquela carta se celebra uma ruptura formal das relações. Ela lamenta que tenha terminado daquele jeito. E eu lamento também. E pedi para eu não publicar a carta e eu não publiquei (*Luís-Sérgio está neste momento visivelmente abatido, contido*). Eu tenho essa carta guardada. E acabou assim, mas houve um diálogo. Mesmo que silencioso, houve um diálogo. Então com a

Adísia eu considero que houve uma ruptura realmente de uma relação que foi muito legal e muito produtiva. Agora, porque houve essa ruptura, eu jamais deixaria de reconhecer o impacto dela na nossa formação. A personalidade dela, a fortaleza dela, a determinação, a sagacidade. Uma coisa não tem nada a ver com a outra.

Delane - *Você falou que tinha carta branca no jornal, como editor-executivo. Como é que era essa relação desse poder com o dono do jornal?*

Luís-Sérgio – Muito boa. Uma relação que nunca teve nenhum conflito. O Demócrito é uma pessoa que consegue administrar muito bem as diferenças e os conflitos. Se ele não fosse dono de jornal ele poderia ser um grande diplomata. Teria evitado várias guerras. Vários conflitos. Poderia ter evitado até a Guerra do Golfo. Ele é um grande diplomata, um grande conciliador e um grande gestor. Em alguns momentos existia um pacto silencioso entre eu e ele. A gente nunca conversava sobre algumas coisas. Existia um alinhamento silencioso, de olhar e eu ia fazendo, ia fazendo. E estava OK e ele “Ah!, faça isso, faça aquilo, faça aquilo”. Não em alguns momentos não. O que eu tinha era carta branca.

Agora, eu peguei o jornal numa fase muito interessante, o jornal estava saindo de uma relação extremamente desgastada com o Governo do Estado, com o Governo Tasso. No primeiro Governo Tasso (*de 1987 a março de 1991 – PMDB*) houve uma ruptura do jornal com o governo Tasso, uma ruptura muito séria, muito grave. O jornal entrou para a oposição e a minha fase do jornal O Povo era a fase do



O entrevistado subiu antes com a equipe de produção. Verificou o frigobar, a garrafa térmica com café e o telefone, que estava quebrado. Logo após, subiram o professor Ronaldo e o restante da turma.

Antes da entrevista ele tomou uma taça de água mineral com gás. Parecia um pouco nervoso. Pediu aos funcionários do hotel que consertassem o telefone da sala.



A equipe de produção e o professor Ronaldo Salgado organizaram a disposição das mesas na sala do hotel. As mesas ficaram no centro da sala, e os alunos, dispostos em círculo ao redor de Luís-Sérgio.

governo Ciro (1991-1994). E na minha fase inicial, o jornal estava muito afastado do governo. E eu fui uma das pessoas que rearticulou a aproximação, a reaproximação do jornal com o governo. Como o jornal estava muito desgastado, o Demócrito também liberou muito a redação. Ele liberou a redação. A redação estava totalmente liberada. Eu tomava decisões, muitas das quais sem consultar. Eu lembro várias vezes que a gente fechava o jornal todo, com manchete, morreu ali. A decisão da manchete é da redação, muitas vezes minha. O dono do jornal lia talvez no dia seguinte ou então à noite se ele ligasse para as oficinas. Tinha muito disso. A gente tinha muito carta branca. Houve uma retirada, não sei se estratégica ou não da empresa, do dono de dentro da redação. Foi na época que eu estava lá. E nós, o jornal, acabou tendo um approach (aproximação) melhor com o governo Ciro. A ponto de fazer alguns negócios com o governo. E eu era uma pessoa que tinha uma relação legal com o governo Ciro. Tivemos um momento inicial de um certo atrito, mas isso foi logo dissipado. Essa questão conjuntural é muito importante para você ver. Naquela situação, como é que estava a conjuntura naquela situação? A conjuntura era mais ou menos essa.

Débora - Luís-Sérgio, o senhor falou que houve uma ruptura com a Adísia Sá e a gente sabe que quando o senhor estava como editor no jornal *O Povo*, também houve ruptura com um grande amigo seu, que foi o Agostinho (Gósson, jornalista, professor do Curso de Comunicação da UFC e atual diretor da Rádio Universitária) que na época era presidente do

sindicato, e com o professor Ronaldo Salgado (jornalista e professor do Curso de Comunicação Social da UFC) que era, na época, secretário do sindicato. O senhor poderia explicar como se deram essas rupturas?

Luís-Sérgio - Essas rupturas, elas nunca foram rupturas formais. Que eu me lembre. Eu posso estar tendo aqui um grande lapso de memória, que eu acredito que não. Não foram rupturas formais. Foram rupturas determinadas por um desgaste, posições antagônicas, naquele momento eu estava do outro lado. Houve

“...é legal quando você tem oportunidade de ler a opinião do outro. Você sabe o que aquela pessoa está pensando, você pode argumentar melhor com ela”

uma coisa bem dicotomizada entre o que era bom e o que era mal. Entre o que era bom e o que era ruim. Naquele momento, sob um determinado ponto de vista, eu estava num lado oposto ao bem. A uma situação ideal, que era o lado da empresa. Essa visão conjuntural daquela época me faz crer que foi determinante para esse afastamento informal dessas duas pessoas, das quais eu tenho admiração (estas últimas frases são proferidas de maneira comedida, acompanhadas de uma certa gagueira. É notória a situação de desconforto de Luís-Sérgio). Fica até estranho eu ficar falando sobre isso porque o Ronaldo está me ouvindo aqui agora, ali, e eu não sei se seria adequado chamá-lo para falar sobre esse assunto.

(Ronaldo Salgado manteve-se atento, fazendo as anotações de praxe, mas não manifestou qualquer reação aparente sobre o convite, velado, de falar sobre o episódio. Não disse uma palavra). Mas do meu ponto de vista nunca houve uma ruptura formal. E também nós nunca sentamos à mesa para conversar sobre esse assunto.

O que houve foi uma apartação. É como o marido que sai de casa para comprar cigarro e não volta mais. Foge com outra. Ou alguma coisa assim. Desculpem pela comparação péssima, mas não houve, eu quero reforçar que não houve essa conferência de cúpula, conferência de paz, mediada por alguém para apagar diferença.

Jhon - Nenhum tipo de contato de qualquer uma dessas pessoas da diretoria do sindicato? O Ronaldo Salgado ou o Agostinho Gósson? Nenhum tipo de contato com o senhor, formalizando esse rompimento?

Luís-Sérgio - Não. Que eu me lembre, não. Eu não sei se a produção apurou alguma coisa ao contrário. Se tiver, me lembre.

Valente - A produção apurou que houve uma ata assinada pelo professor Ronaldo Salgado, formalizando a ruptura, a relação de amizade. Queria saber se você recebeu essa ata.

Luís-Sérgio - E eu recebi essa ata?

Valente - Foi levada ao seu conhecimento. O senhor não se lembra disso?

Luís-Sérgio - Ah!... eu acho que sim.

Jhon - Teria sido uma carta. E num trecho dessa carta haveria referência ao rompimento.

Luís-Sérgio - E eu era

Mistério: o professor Ronaldo tenta tirar a pasta da mesa onde se dará a conversa para aumentar o espaço, mas é impedido pelo entrevistado, que se recusa a ficar longe dela. O que será que tem dentro?

citado nominalmente...

Simões – *E um pouco antes, o professor Ronaldo Salgado teria ligado para o senhor, quando ele disse que ia romper com o senhor, publicamente, na reunião do sindicato.*

Debora – *À qual o senhor não compareceu...*

Luís-Sérgio – Eu não me lembro disso. Teria que checar com o Ronaldo. Mas eu não lembro disso. *(risos de desconforto de Luís-Sérgio e de alguns alunos)* A ata, alguém tem a cópia da ata, para me mostrar?

Valente – *Não.*

Luís-Sérgio – Eu acho que houve essa ata, realmente. Então, nesse caso, eu tenho que rever. Houve, então, uma ruptura formal.

Valente – *Luís-Sérgio, durante o período em que você foi editor-executivo do jornal O Povo, que decidia as manchetes, não é? Houve alguma decisão editorial que você tenha tomado que você considere, do ponto de vista ético, errada?*

Luís-Sérgio – *(suspira)* Não digo muitas, mas a gente erra muito. O grande problema do jornalista, do editor, é que ele tem que fechar na hora, ele tem que circular cedinho, tem que está na casa do leitor. E por conta dessa rotina, dessa pressão brutal, você tem que tomar decisões. E algumas decisões te levam ao erro, que você vai admitir no dia seguinte. Deixa ver se eu consigo lembrar de um erro grave... *(pequeno silêncio)*. Deve ter tido erros graves. Deve ter tido.

Valente – *E como foi a reparação desse erro, se houve reparação?*

Luís-Sérgio – Foi na nossa época que foi instituída a seção erramos. Foi uma coisa que foi

instituída foi a seção erramos, que foi na nossa gestão, no jornal, e onde a gente começava a fazer um mea culpa público. Não que a coluna abonasse o erro ou *(disseste:)* “Agora podemos todos errar porque tem o ‘Erramos’ no dia seguinte e a gente repara”. Nada disso. Já era uma maneira de autocrítica pública. “Olha nós somos falíveis. O jornal é falível. O jornal erra. O jornal não quer errar, mas jornal erra porque nós somos falíveis, porque nós trabalhamos com pessoas e máquinas e porque as pessoas e as máquinas são falíveis”.

**“Eu assumi posturas
que depois eu fui ver
(que) significaram certas
rupturas de
comportamento, de
relações. Mas, na época,
eu não avaliava o
desgaste”**

Valente – *Mas não houve nenhuma decisão que antes de você tomar, você tivesse constatado que estava com algum tipo de erro ético e que tenha tomado por algum tipo de pressão do patronato ou de quem quer que fosse?*

Luís-Sérgio – Talvez. Talvez. O que eu quero dizer é que nós não somos ingênuos. Não é um clube de ingênuos *(rindo)*. A atividade jornalística é também uma atividade política. E a empresa tem interesses estratégicos. É bom que todo estudante escute isso em alto e bom som. A empresa jornalística tem interesses estratégicos e tem assuntos que a empresa jornalística trata com mais ênfase, você vai ler com mais ênfase no jornal A e

vai ler com menos ênfase no jornal B. E vice-versa. Existe toda uma atividade... Ela se rege também pela questão empresarial. Qualquer pessoa de sã consciência que negar essa variável está tendo uma visão irreal do que é de fato a atividade jornalística. A atividade jornalística é um negócio. É um negócio especial, mas é um negócio. A nossa mercadoria é vender informação com qualidade, informação qualitativa, informação que atenda uma demanda específica ou não. Uma demanda de massa. Mas é um negócio. E como negócio só se sustenta se o mercado disser: “Esse produto é bom. Eu quero”. Senão fecha. Se vocês estudarem a história da imprensa no Brasil e no mundo, tem “n” jornais que fecharam, “n” revistas que fecharam. O Assis Chateaubriand, que era o dono do maior império de comunicação que o Brasil já viu, fantástico, que era o editor da maior revista da América Latina, o nome *(o slogan)* dela era esse, que era a revista o Cruzeiro, quebrou. Virou pó. O espólio do *Diários Associados* está aí com os condôminos.

Valente – *Mas onde fica o compromisso social assumido dentro desse negócio?*

Luís-Sérgio – Eu acho que o compromisso social, Valente, é você embalar uma mercadoria com qualidade e *(que)* atende à necessidade. Quando eu compro uma lata de leite Ninho, o compromisso social da Nestlé, que fez aquele leite, é que o leite tenha, venham todos os componentes que estejam lá, no rótulo. Que ele seja de fato nutritivo, que ele não tenha transgênico, que ele alimente de fato. Esse é o compromisso social. E se a empresa quiser fazer filantropia, que hoje é uma tendência



Solução do mistério: a pasta continha alguns exemplares de edições antigas da revista InsideBrasil. O material, entretanto, praticamente não foi usado.

O começo da entrevista foi marcado pela tensão dos alunos e do entrevistado. O relaxamento de todos veio após as cinco primeiras perguntas.

o ângulo de onde você tá olhando pode mudar totalmente o teu enfoque, o teu modo de ver as coisas.

Arizona - Se tu pudesses voltar no tempo, a respeito dessa tua passagem no jornal *O Povo*, o que que você não faria?

Luís-Sérgio - Arizona, a pergunta é muito difícil, porque, como eu falei, a questão conjuntural, ela interferia muito, naquela época, aquela conjuntura... tava numa linha. Hoje, se eu tivesse hoje no jornal, talvez, o que que eu não faria? Se eu tivesse hoje? Voltar no tempo não. Eu não... é difícil para mim. Eu não consigo argumentar. Eu acho que o que aconteceu foi decorrência de várias variáveis, mas principalmente de variáveis conjunturais, de uma atividade assumida, então não tem como corrigir isso e... eu não vou me flagelar sobre isso. Certo? Não fiz análise sobre isso, não vou fazer. Análise quando falo é psicanálise. Sentar no divã e se auto-analisar. É. Se errou? Erramos. Cometemos muitos erros. Cometemos muitos erros. Mas como eu diria agora que eu não faria aquilo porque eu errei? Não. Eu aprendi muito no erro. Aprendi muito no erro. Aprendi até a negociar, errando. Você aprende a negociar na prática, aprende a conversar conversando, aprende a fazer, fazendo. Então, o que eu faria hoje? A minha visão hoje é muito diferente daquela época. Muito diferente. Eu diria bastante diferente. A minha visão hoje, se eu tivesse no jornal, o que que eu faria? Seria muito diferente.

Daniele - O que que o senhor faria?

Luís-Sérgio - Ah! Bem diferente, eu tenho uma visão mais empresarial, de mais

eficiência da qualidade dos produtos, dos conteúdos, de temas diferentes, talvez trabalhar com pessoas mais cacifadas, mais profissionais, e obviamente com alguns estudantes, também (risos), mas eu acho que a minha visão está muito mais pragmatizada em termos de resultados, mas certamente eu não compraria brigas, não compraria brigas. Isso com certeza. Ou compraria menos briga. Claro, é inevitável não comprar, mas compraria bem menos. Saber conciliar mais até porque você aprende muito nisso. E na sua vida, você tem que dividir.

...a gente aprende muito essa arte da convivência. Compraria menos briga. Mas não deixaria de comprar briga, porque elas são importantes e em alguns momentos necessárias...

Quando você se casa você tem que dividir parte da sua vida com a sua mulher. Quando você tem sócios numa empresa você tem que saber administrar, conciliar e conviver com o sócio, que é uma coisa complicada, Não é fácil. Também não é impossível, mas não é fácil. Então, a gente aprende muito essa arte da convivência. Compraria menos briga. Mas não deixaria de comprar briga, porque elas são importantes e em alguns momentos necessárias para você pontuar uma personalidade sua.

Andréa - Luís-Sérgio, você já assumiu alguns papéis muitas vezes divergentes. Por exemplo, ser membro de um sindicato e chefe de um jornal, ou então estar dentro da universidade

e dentro do mercado. Os princípios são os mesmos ou mudam de acordo com o papel que você assume?

Luís-Sérgio - Bem, eu acho que os princípios são os mesmos. Só existe uma ética, que é a sua ética. Só existe uma. O fato de eu estar numa função executiva no jornal *O Povo* naquela época não me inibia de continuar sindicalizado. Eu nunca pedi desfiliação do sindicato. Eu nunca pedi. Hoje estou afastado do sindicato, mas nunca pedi desfiliação formal como muitas pessoas fizeram. Algumas colegas nossos fizeram, por discordar do sindicato.

Herik - Por que você nunca pediu?

Luís-Sérgio - Porque eu nunca me senti... achei necessário isso. Porque eu sou essencialmente... eu sou jornalista, sou empregado... hoje não sou mais, tô querendo vir a ser patrão (ri), tô querendo vir a ser empresário, ter uma visão mais empresarial da coisa, mas eu era empregado na época, tinha um cargo de função (foi editor do caderno *Vida & Arte*, editor de *Economia e Política*. Em 1991, foi nomeado editor-adjunto do jornal. Em 1994 passou para o posto de editor-executivo. Na hierarquia, só estava abaixo do dono do jornal), mas um salário remunerado. Quer dizer, recebia às vezes atrasado, que às vezes me deixava insatisfeito, que eu ia lá negociar meu salário e barganhei, tive vários aumentos de salários na empresa. Mas eu era empregado, eu sei que aquilo um dia ia terminar, eu tinha essa consciência. Eu tenho essa consciência de fim impressionante. Eu acho que talvez seja a qualidade, uma qualidade fantástica em mim. Eu sei que as coisas vão ter



Luís-Sérgio trocou de óculos no início da entrevista. Seu indefectível Platini (sol) foi substituído pelo clássico Giorgio Armani (de graus).

O som de uma "furadeira" numa parede próxima à nossa sala ameaçou a paz da entrevista. Para alívio geral, o som se repetiu apenas mais duas vezes.



Isabela permaneceu na sala durante a última hora de entrevista. Confirmou alguns dados que Luís-Sérgio não lembrava com muita certeza.

um fim um dia. Então sempre trabalho com a perspectiva de fim. Tanto que a minha saída do jornal O Povo foi uma saída trabalhada com quase um ano de antecedência. Eu sabia que aquele ciclo ia terminar. Ele tava se esgotando e eu queria que ele se esgotasse, que eu queria ver outras coisas.

Lívia – *E como foi essa saída do Jornal O Povo?*

Luís-Sérgio – Ah! Tem várias variáveis. Uma saída negociada com o dono da empresa. Na verdade, a minha saída do jornal O Povo se deu um ano depois que eu estava nos Estados Unidos. Foi quando eu voltei dos EUA para cá. Porque quando eu estava lá eu continuava funcionário do jornal e continuava com remuneração do jornal.

Janis – *Mas você era um braço direito do Demócrito (Dummar, presidente do Jornal O Povo) e foi para os EUA. Foi pago...*

Luís-Sérgio – Não. É... Por que que eu saí? Por que que eu saí do jornal? Olha, essa história...

Janis – *O fato é que você era o braço direito dele, estava no auge do cargo e foi para os EUA...*

Luís-Sérgio – É. Teve uma hora que eu falava para o Demócrito: “Demócrito, nós batemos no teto”. Teve uma hora lá que eu achava que a gente tinha batido no teto. “Demócrito, batemos no teto, batemos no teto”. Insisti muito com ele: “Batemos no teto”. Teve uma hora que eu estava esgotado também e tava achando que nós tínhamos batido no teto. Então já tinha pessoas lá dentro...

Janis – *Bater no teto é...?*

Luís-Sérgio – O que é bater no teto? É você achar que... Que que é bater no teto? Você não tem mais para onde

ir. Tá? Você não tem mais para onde ir. Pô. Eu insisti muito isso com ele. E ao mesmo tempo encaminhei um pedido de bolsa para mim numa universidade americana, que acabou nunca saindo. Ia saindo lá, mas quando ia saindo o gerente da bolsa morreu. O gestor-professor morreu. A gente soube pelo jornal, pelo Miami Herald e o programa foi cortado, foi cancelado. Eu achava que eu tava muito estressado também. Eu tinha virado, eu também tava vivendo uma fase de muita adrenalina. De muita adrenalina. E isso, isso deu na noção de que eu estava ha-

“... eu recebia pressão.

Mas eu tinha carta branca da empresa.

Total. Aliás, o dono do jornal não estava nem aí para o que estava acontecendo nessa época“

tendo no teto.

Janis – *Aí ele concordou...?*

Luís-Sérgio – Não. Ele demorou a concordar. Essa conversa demorou um ano. Até eu sair de fato, aí já tinha uma pessoa lá dentro, que era a Ana Márcia (*Diógenes, ex-editora-executiva do Jornal O Povo, deixou o cargo no final do ano passado*) que foi convidada pelo Paulo Henrique Raulino, que era o editor-geral do Jornal, e Ana Márcia assumiu a função.

Daniele – *E quando o senhor viajou, já sabia que ao voltar não iria mais exercer o cargo de editor-executivo?*

Luís-Sérgio – Já. Já sabia.

Daniele – *Então o senhor*

não viajou para trazer novas idéias para o jornal?

Luís-Sérgio – Não. Quando eu viajei, o Demócrito dizia: “Meu filho, quando você voltar – ele chama todo mundo de “meu filho”, então não é privilégio meu – você vai ser um ombudsman”. Ele sinalizava com alguma coisa (*risos*). Eu nunca quis ser ombudsman. Eu nunca tive vocação para isso. E na verdade, o que eu tava querendo era encontrar alguma coisa nova na minha vida. E tava realizando um sonho meu que era morar nos EUA.

Daniele – *E por que o Jornal O Povo pagou por um ano?*

Luís-Sérgio – Então... também, na verdade, a empresa achava que eu já tinha dado, talvez, tudo que eu pudesse dar, alguma coisa assim... talvez isso... na verdade, o que houve aí foi uma convergência de interesses. O meu interesse era ir para os EUA e, talvez, o interesse da empresa naquele momento fosse colocar um novo executivo à frente.

Janis – *O senhor pediu demissão e a empresa não queria mais o senhor lá?*

Luís-Sérgio – Não. Eu fui para os EUA, continuei funcionário, na verdade, eu tive dois vistos. Tinha um visto de turista e um visto de correspondente do jornal, que é um Visa I, que é o Visa Information, que te dá uma série de privilégios lá. Tinha, no meu passaporte, um carimbo de correspondente do jornal nos EUA, que é um visto superespecial. Você pode trabalhar, pode fazer o diabo.

Janis – *Mas você era correspondente?*

Luís-Sérgio – Eu escrevia para o jornal. Escrevia algumas matérias de lá. Escrevia também para o jornal

O discurso de Luís-Sérgio é entrecortado por alguns cacofonias. Os preferidos são, pela ordem, “então”, “e tal”, “né” e “quer dizer”. Suprimimos a maioria na edição.

da ANJ, que é o jornal dos donos de jornal, lá.

Simões – Não houve nenhum atrito com o Demócrito? Porque a produção apurou junto à Ana Márcia que, oficialmente, você teria saído em férias, ia estudar durante um ano, adquirir novas idéias e trazer para o Jornal O Povo quando voltasse...

Luís-Sérgio – Essa era a idéia. Eu acho que foi por aí, mas na minha cabeça eu já queria outras coisas. Na minha cabeça. Eu não sabia o que que era, mas sabia que eu queria outras coisas.

Simões – Ainda conforme a Ana Márcia, ela dizia que extraoficialmente o senhor teria saído porque tinha se desentendido com o Demócrito.

Erivaldo – E a sua ida para Miami teria sido um acordo de cavalheiros.

Luís-Sérgio – É... foi um acordo de cavalheiros porque eu estava com um certo financiamento do jornal e isso para mim era muito bom, agora se desentender com o Demócrito, não. Nunca me desentendi com ele... chegamos a ter algumas conversas mais duras, mas desentendimento não. Nos afastamos um pouco, converso com ele, normal, visito ele e tal.

Janis – Foi bom para os dois lados quando o senhor voltou de viagem. Sua demissão e o jornal...

Luís-Sérgio – Por que eu pedi pro jornal me demitir? Porque na verdade eu tava precisando de grana (risos), eu tava precisando de dinheiro. Eu ia voltar pro Ceará e ia continuar sendo funcionário do jornal O Povo para fazer o quê? O que eu ia fazer no jornal? Eu dizia: “Eu tô precisando de dinheiro, preciso do dinheiro, do FGTS. Me demita”. A

Isabela (Martin) veio aqui ao Brasil, pegou a grana, que a gente tinha uns planos porque a gente vinha para cá e queria fazer umas compras lá nos EUA, a gente precisava do dinheiro para converter e trazer o que a gente queria trazer. Foi essa a idéia. Eu liguei pro Demócrito de manhã, que a gente se falava, o Demócrito às vezes ligava para mim. Foi essa idéia. Na verdade, houve uma convergência de interesses. O que eu posso afirmar é que eu queria experiências novas e uma experiência que eu desejava muito era esse impacto cultural que eu queria

“Algumas deram muito certo, algumas não deram certo. Uma experimentação que não deu certo foi, por exemplo, o Leonardo como editor de política”

sofrer nos EUA. Ter uma relação de corte, de ruptura. Escolhi Miami até por covardia minha, para amenizar um pouco esse impacto. Conhecia outras sociedades americanas e sabia que Miami ia ter menos impacto. Mas mesmo assim foi um impacto brutal.

Débora – Você passou esse tempo no Jornal O Povo, em cargo executivo, onde você mesmo falou que teve vários aumentos de salário. Esse “um ano” não foi tempo suficiente para você ter condição, se você queria novas idéias e tal, juntar o seu próprio dinheiro e ir para os EUA com vontade própria? Foi preciso o Jornal O Povo financiar?

Luís-Sérgio – Não, não. Eu tinha grana. Eu tinha grana, sacou? É... na verdade, o

dinheiro do jornal não era muito, tá certo? Quer dizer, era bastante, mas não era tanto o quanto a gente queria. Mas eu tinha dinheiro. A gente tinha dinheiro lá nos EUA. A gente levava uma vida muito boa, lá. A minha vida americana era uma vida muito boa. A gente morava bem, viajava pra caramba, consumia pra caramba, consumia muito produto cultural, livros, revistas, cinema muito, restaurante idem, viajava internamente, fomos às Bahamas. Mas o dinheiro acabou.

Débora – Mas por que você foi para os EUA com uma bolsa que seria paga pelo Jornal O Povo?

Luís-Sérgio – Porque na verdade, desde o começo da nossa conversa o Demócrito sinalizava com uma bolsa da ANJ, da Associação Nacional de Jornais. Só que a Associação Nacional de Jornais não viabilizou a bolsa. E para honrar a palavra dele, ele deu a bolsa, ele manteve a remuneração, certo?

Tentou honrar a palavra dele. Era uma quantia muito interessante.

Daniele – Lá o senhor passou dificuldade?

Luís-Sérgio – Nos EUA, no começo foi muito bom. No final, a gente começou a administrar a grana. Começou a faltar dinheiro. A gente começou a administrar melhor. Mas dificuldade mesmo, não. Dificuldades não. A gente tinha pouca grana, começamos a administrar, às vezes entrava no cartão. Cartão internacional, a gente tinha todos. E às vezes pegava grana do cartão esperando que o dinheiro entrasse, às vezes atrasava o dinheiro. Uma coisa que desgastou um pouco a minha relação com o Demócrito aí foi que no final começou a faltar a grana, atrasar muito e o



Durante a conversa com os alunos, Luís-Sérgio rabiscava um papel. Ao final, pôde-se ler as palavras “salário” e “sindicato”. Uma terceira palavra estava ilegível.

Um funcionário do hotel interrompeu uma resposta querendo instalar uma linha de telefone que Luís-Sérgio havia solicitado antes do início da entrevista. Foi dissuadido pelo próprio solicitante: “Não precisa mais não”.



Por questão de ordem, foi estabelecido que levantasse o dedo aquele que quisesse fazer alguma pergunta. O "clássico" sistema mostrou-se um fracasso total.

nosso... isso foi chato pra caramba, agora me lembrei, onde a gente morava, que era um flat, quem pagava era o jornal. E nesse final do período o jornal não queria mais pagar o flat aí ficamos p. da vida... Eu não vou mais falar sobre isso. Vai, continua.

Herik – *O senhor hoje é pragmático, é um homem do mercado. E o mercado visa ao lucro. E como você falou, tinha opção de decidir manchete, decidir matéria, pautas, angulações. Você venderia uma manchete ou uma matéria?*

Luís-Sérgio – Olha, veja bem. Vender para quem? Acho que quando você tá trabalhando para a empresa, você está vendendo a angulação para a empresa. Eu lembro bem que todas as vezes que tinham as famosas pesquisas de intenção de votos, só para te dá um exemplo bem pragmático, nós tínhamos a angulação da pesquisa. Como a gente ia dá essa pesquisa. Nessa discussão da angulação, você ia ver como administrar aquilo. Nessa administração você podia beneficiar um ou outro. Mas com certeza, mas com certeza. Eu lembro... vários exemplos que eu poderia dar, se eu tivesse os jornais da época, tá certo? Tem vários exemplos. Então, nós já fizemos pautas encomendadas. Fizemos muitas pautas encomendadas, com interesse estratégicos. Mas isso acontece em qualquer jornal.

Janis – *E assim também é na Inside...*

Luís-Sérgio – *É (respira fundo). Se você quiser discutir a Inside agora... Quer discutir agora? Essa pergunta é boa.*

Erivaldo – *Luís-Sérgio, o jornalista deixa de ser jornalista quando passa a ser*

empresário da comunicação. Você concorda com essa afirmação?

Luís-Sérgio – Não.
Erivaldo – *Por quê?*

Luís-Sérgio – Porque eu acho que o empresário da comunicação... eu não me coloco na posição de herói. Mas o empreendedor, ainda mais em um país como o Brasil, ele tem variáveis de herói muito fortes. Se você for ver a história, por exemplo de uma (editora) Abril, de um Vitor Civita (jornalista italo-brasileiro, fundador da editora Abril), você vai ver que o cara realmente credi-

“No nosso sindicato, por exemplo, teria que se desaparecer um pouco, desarmar um pouco da questão ideológica alinhada a um partido, a uma doutrina”

tou. Se você for ler a história da (revista) Veja, o cara amargou prejuízo dez anos, investindo num produto que hoje é um orgulho editorial, tem o seu viés ideológico, mas é um produto realmente de alta qualidade editorial, nove fora aqui ou ali cometer deslizos de angulação da qual a gente não concorda, nossa relação com a Veja é uma relação de amor e ódio, mas eu acho que não deixa de ser jornalista.

Eu acho que essa visão é uma visão... eu diria de um certo preconceito em relação ao que é de fato um jornalista. O Hearst, (William Randolph Hearst, que inspirou o clássico Cidadão Kane, de Orson Wells) no filme, ele era um jornalista, ele fundou a maior cadeia de jornal dos EUA. O

(Joseph) Pulitzer era dono de jornal. Era jornalista e dono de jornal. Quantos outros que são grandes jornalistas e donos? O fato do cara ser dono inviabiliza a função dele de jornalista? Não. Não inviabiliza. Claro, existe um grave conflito de interesses na atividade jornalística no dono do jornal. Porque o dono do jornal, ele é interface. Ele faz interface com o departamento comercial e faz interface com a redação. E em tese, esses interesses são conflitantes. Olha só o papel do “doutor Jakil e o monstro” (referência à história de “Dr. Jakil e Mr. Hyde – O Médico e o Monstro”). O cara tem duas interfaces com interesses conflitantes, que é o departamento comercial e a redação, que funcionam sempre em andares opostos, em locais opostos.

Mas eu acho que não deixa de ser jornalista. O Roberto Civita é jornalista, escreve muito bem, quando escreve aquele artigo anual dele na última página da Veja. Ele é dono da Veja.

Ele é o empresário. E a ética do empresário é fazer com que a empresa dele dê lucro, que a empresa dele não quebre. Essa é a ética do empresário. A ética do empresário é não atrasar o salário do seu funcionário no final do mês, é pagar os benefícios que o funcionário merece. Essa é a ética. Todo empresário quer que a empresa dele dê lucro, ele quer remunerar o seu funcionário no dia certo, sem atraso, pagar os benefícios e se possível dá algum tipo de *plus* (vocábulo inglês. Significa algo a mais), de um décimo quinto ou alguma coisa assim. Então não vejo um grave conflito nisso não.

Valente – *Mas a ética do empresário, ela é diferente da ética do jorna-*

Em alguns momentos da entrevista vários alunos explodiam em uníssono, querendo fazer perguntas ao mesmo tempo. A equipe de produção procurava acalmar os ânimos mais exaltados.

lista, não é?

Luís-Sérgio – Eu acho que têm interesses diferentes. Ou têm visões diferentes. Tem visões diferentes. Digamos que o empresário tenha visão mais macro. Mais macroeconômica. As preocupações dele são outras. E a visão do jornalista é uma visão, digamos, mais restrita. O jornalista não vê o negócio. Vou usar uma expressão agora que eu não gosto, não vê o negócio como um todo. Ele só vê parte do negócio. É a sua atividade profissional na qual ele tem que se dá da melhor maneira possível. São visões diferentes. São visões diferentes. E nós jornalistas não somos treinados na universidade para ter uma visão de empreendedor, e para ter uma visão de administrador, tá? Esses jornalistas que viraram empresários foram por sua própria vocação, por seu próprio risco. Olha, o dono, o risco do dono, podem acreditar, é maior do que o risco do empregado, tá? Porque a empresa quebra, a empresa dá prejuízo, a empresa entra no vermelho, a empresa sofre perdas e a empresa fecha, tá? O risco do dono é maior do que o risco do empregado. E é uma pena quando você vê uma empresa quebrar, uma empresa fechar. Ela deixa de dá empregos, ela deixa de contribuir para o PIB do país.

Janis – O senhor aplica tudo isso à *Inside Brasil*?

Luís-Sérgio – Sem dúvida. A *Inside Brasil*, a gente quer dar à revista um perfil de negócio. A *Inside Brasil* foi fundada há quatro anos. Nós só temos perdas enormes na *Inside*, tivemos prejuízos, ficamos vários anos no vermelho, corremos enormes riscos, corremos riscos, enfrentamos os riscos, superamos alguns riscos, hoje estamos num

patamar de viabilidade da revista como negócio e queremos transformar a editora que edita a revista num negócio. E só isso, o negócio. E por que que eu falo isso? Porque tem que dar lucro. E nós estamos começando a sair dessa fase de risco para uma faixa de estabilidade. Senão, se não der lucro, fecha, acaba o negócio. Significa o quê? Significa que você tem que ter um produto bom, um produto competitivo, um produto independente, um produto que persiga a credibilidade, tá certo? Quem vai te viabilizar em tudo isso é o mercado. É o mercado publici-

“Talvez o poder tenha me subido à cabeça. Eu acho que subiu. É difícil para as pessoas admitirem isso, mas eu acho que subiu. Realmente”

tário, é o mercado de leitores, é o mercado de modo geral. Mas o mercado publicitário, mas principalmente na área privada, na esfera privada. Esse é um grande mercado. Porque normalmente quando você tem negócio na área pública, você é... a área pública quer mais do que ser o seu anunciante, ela quer mais. Ela quer interferir na linha editorial. Ela não gosta de ouvir críticas, ela não gosta de ser atacada, ela tenta retaliar, ela corta verba, ela tenta de certo modo te quebrar, como acontece no Brasil o tempo todo, especialmente nos jornais regionais, nos jornais mais pobres, que são susceptíveis e que dependem, alguns, da verba de publicidade dos governos, o que não é o caso da *Inside*, há bastante tempo.

Simões – A *Inside*, pelo menos nesse momento, é o grande projeto na sua vida?

Luís-Sérgio – Sem dúvida. O grande projeto da minha vida é viabilizar uma editora, no Brasil, baseada em Fortaleza, com um pé em São Paulo e um pé em Brasília. Esse planejamento estratégico está feito, a gente quer, a nossa meta hoje é viabilizar isso através do aumento da rentabilidade da revista, do aumento da rentabilidade da empresa. É a única maneira da gente viabilizar a empresa. Por quê? Porque nós não contratamos débitos nem contratamos in-

vestimentos. Hoje, o pequeno empresário ou o médio empresário ou o grande empresário vai tomar dinheiro de qualquer banco, ele está colocando uma corda no pescoço. Porque, um dia, ele não vai poder pagar aquele débito. A não ser que eles façam como esses empresários do Ceará que tomaram o dinheiro do Finor (*Fundo de Investimento do Nor-*

deste) e botaram no bolso e foram passar férias na Europa. Que aconteceu muito, inclusive com algumas empresas de comunicação do Nordeste.

Simões – Para alcançar esses objetivos de crescimento da *Inside*, a credibilidade do veículo é imprescindível. Como você vê a credibilidade da *Inside*, das matérias que saem na *Inside*, que algumas pessoas criticam, dizendo que são tendenciosas?

Luís-Sérgio – Hoje, veja bem, a nossa meta é investir em credibilidade, certo? A nossa meta, sem dúvida, a gente sabe que é investir na credibilidade e na independência da revista. E a tendência da revista é investir mais em opinião, nós optamos pela



Ao falar do preço da publicidade das revistas *Veja* e *Inside Brasil*, Luís-Sérgio faz o merchandising de sua revista. Chega a encarnar o representante comercial.

Enquanto falava da revista *Inside Brasil*, folheava as páginas de algumas edições. O barulho foi captado pelo gravador. A primeira edição que abriu tinha uma grande foto de Juraci Magalhães.



O professor Ronaldo, durante a entrevista, se revezava entre tirar as fotos do entrevistado e suas anotações de praxe.

opinião. O nosso material vai ser cada vez mais analítico e opinativo, assumindo posturas. A revista vai assumir posturas. A revista quer polemizar e vai polemizar. E vamos buscar pautas que de fato atendam a interesses do cidadão, pautas voltadas para a defesa do consumidor, pautas voltadas para o meio ambiente, pautas voltadas para a fiscalização do uso do dinheiro público. A gente tem investido muito nisso, acho que a Inside deu uma excelente cobertura à CPI (Comissão Parlamentar de Inquérito) do Fundef, publicando nome, o nome de todos os prefeitos, todos os municípios e todos os valores envolvidos e outras matérias mais. Agora, uma linha de faturamento nossa é uma linha chamada "publi-editorial", tá certo? Que são matérias institucionais escritas, mas que devem ser identificadas como informe publicitário, ou coisa assim, que separe do conteúdo editorial. A revista tem interesses em alguns temas? Tem interesses, sim, em alguns temas. Nós temos interesses em alguns temas. Eu seria hipócrita da minha parte se eu dissesse que não. Nós queremos interferir e em alguns temas nós temos mais interesses do que noutros. Noutros nós podemos soltar mais e alguns a gente omite total. Afinal, a revista pode se dar a esse luxo, que ela é bem diferente do jornal. A revista tem uma pauta extremamente seletiva, a natureza da revista é diferente, ainda mais uma revista mensal, no dia em que nós passarmos a ser uma semanal, e eu espero que esse dia chegue logo, a gente vai mudar a natureza do conteúdo da revista sim. Mas mensal não. Mensal é muito distanciada das coisas.

Daniele – No início da

entrevista o senhor definiu um bom jornalista como aquele que atende em primeiro lugar ao leitor. O senhor acha que a revista Inside atende a esse padrão?

Luís-Sérgio – A revista Inside busca um nicho de mercado extremamente especial. É uma revista bastante seletiva, está olhando para as classes A e B, tá? Então, a gente tem buscado atender. Qual é o nosso leitor? Quem nos lê? A gente sabe mais ou menos quem nos lê, mas tem um percentual da revista que é vendida em banca, que a gente não sabe quem é que

“Então tinha uma relação muito convergente. Os atritos começaram no decorrer da atividade do ombudsman, mas do meu ponto de vista eram atritos naturais”

compra essa revista, que nós não fizemos uma pesquisa ainda para saber quem compra a revista na banca. Ainda mais agora, que ela está circulando em todo o Brasil. No começo da Inside, eu acho que ela atendeu menos isso. Hoje, sem dúvida, a nossa opção é uma opção preferencial pelo leitor investindo em independência total e num distanciamento total das esferas públicas – municipal, estadual e federal.

Daniele – Então, no começo, o senhor confirma que ela não era independente?

Luís-Sérgio – Não. No começo a gente tinha outra visão, para não usar a tua palavra independente, nós tínhamos outra visão, tá certo? A gente tinha uma visão diferente da visão que a gente tem

hoje. Ela tinha independência de alguns temas, mas eu confesso a você, isso uma autocrítica, ela publicava muitas matérias num caráter institucional. Mas o número dois da Inside, uma coisa que eu me orgulho muito, nós fizemos uma fantástica entrevista com o Juraci Magalhães (duas vezes prefeito de Fortaleza. De janeiro de 1990 a janeiro de 1993; de janeiro de 1997, com mandato previsto até janeiro de 2005, pelo PMDB, após ter sido reeleito em outubro de 2000 para mais quatro anos no cargo) que era uma entrevista onde ele tinha uma visão totalmente diferente da visão do grupo que estava mais próximo de nós, que era o Cambeba (termo usado para referir-se ao grupo político do PSDB, que governa o Estado do Ceará), que em tese estava mais próximo. Mas por que ele estava mais próximo? Por que estava dando dinheiro? Não. Não estava dando. Porque tem uma figura dentro do Cam-

beba que é o Beni Veras, que é o nosso amigo pessoal, é amigo pessoal da minha mulher. Então isso busca uma proximidade, mas nunca houve nenhum tipo de benefício, só para pontuar bem isso. Pelo contrário. O que há é um distanciamento. Porque dentro do Cambeba o Secretário de Governo Assis Machado é uma pessoa que (gagueja um pouco) tem uma relação muito distanciada com a gente. Distanciada profissionalmente, porque socialmente a relação é ótima e eu consigo administrar isso muito bem, isso tem que ficar bem claro.

Desde os tempos em que nós trabalhávamos no jornal O Povo, onde nós publicamos na época da sucessão municipal

Ronaldo já havia guardado a câmera fotográfica quando Luís-Sérgio chorou, mas ele foi buscá-la rapidamente e registrou a emoção de Luís-Sérgio enquanto este falava de seus projetos para a editora InsideBrasil.

que elegeu o (Antônio) Cambráia (*prefeito de Fortaleza, de março de 1993 a janeiro de 1997, pelo PMDB*), nós publicamos o perfil do Assis que o desagradou profundamente. E na época eu já tinha função executiva no jornal e a pessoa que fez o perfil foi a Isabela, que na época já namorava comigo e se comentou e se insinuou e se afirmou que se tratava de uma estratégia de sacanagem para queimar a imagem do candidato e que não era nada disso, nós estávamos fazendo só jornalismo com independência e autonomia. Então não há relação com o Cambéba. Há uma relação afetiva através da figura do Vice-Governador e há uma admiração pelo Governador, que é uma pessoa que tem uma visão estratégica brutal. Quer dizer, essa relação já foi bem mais próxima antes e... hoje é uma relação meramente formal, tem pessoas no governo que são nossas amigas e tal, e a gente conversa. Nós conversamos com todas as pessoas.

Daniele – *O primeiro número da Inside foi patrocinado pelo Governo. Foi apurado pela produção que o Tasso patrocinou uma parte, através do Beach Park (parque aquático, localizado na praia de Porto das Dunas, a 22 Km de Fortaleza, no município de Aquiraz - CE) E na revista saiu uma reportagem com oito páginas. Essa matéria foi paga?*

Luís-Sérgio – Vamos pontuar bem. Quem pagou o número zero, na verdade não foi o número um, foram duas pessoas, uma (*delas foi*) o Arialdo Pinho. Na época, o Arialdo não tinha nenhum sócio no Beach Park. Então você diz hoje que o Governador é sócio, eu não sei. O que eu sei é que o Ednilton Soares, que

é Secretário da Fazenda, é sócio do Arialdo no Beach Park. Mas na época, em 1996, o Arialdo era dono, uma pessoa que eu tenho acesso, que eu gosto muito dele, admiro a história dele, a história fantástica, o cara construiu aquilo lá, começou com uma barraca de praia e foi crescendo e tal e tal. E eu fui ao Arialdo: “Arialdo, olha, eu tô com esse projeto”. Levei a prancha da Inside. “E eu quero que você banque esse negócio”. Consegui. Ele pagou. Ele comprou. Na verdade é um encarte publicitário. O que está no miolo da revista não é um

“Ela (Adísia) não foi correta. Não vou usar a palavra “ética” não. Mas ela não foi correta. Com relação a isso eu fiquei extremamente irritado e dei uma resposta para ela”

material editorial. É um encarte publicitário, que a gente faz isso muito, nós temos um cliente Porto Canoa, que além de cliente é nosso sócio na revista. Nós produzimos vários encartes publicitários e lá está caracterizado como encarte publicitário. Então, o Arialdo pagou parte da conta e um outra pessoa, outro anunciante pagou outra parte da conta. E foi uma relação transparente, aberta, sobre a qual eu falo. Zero influência do Governador, nenhum centavo do Governo do Estado. Nada.

Jhon – *Qual é o nível de comprometimento do material editorial da Inside com os seus patrocinadores?*

Luís-Sérgio – Olha, veja bem, Jhon... O empresário que põe sua mão no bolso, que tira

dinheiro dele para pagar o anúncio da Inside, eu acho que esse cara está acreditando em nosso projeto, está investindo em nosso projeto. Eu só posso ver essa pessoa com mais simpatia. Eu gosto dos nossos anunciantes, tá certo? Os nossos anunciantes são pessoas que acreditam, que apostam no projeto, que tiram o dinheiro deles e botam na Inside. São todos anunciantes privados. Eu quero reforçar bem isso. Eu vejo eles com mais simpatia. A maioria são pessoas que a gente conhece. E outros não. Outros não. Já tem casos de alguém que liga

para anunciar na revista, tá? Se eles têm uma interferência no conteúdo, pode até ser, porque eventualmente você pode usar aquele cara como fonte. Por exemplo, nós temos um cliente, que é Dr. Boghos Boyadjian (*especialista em ultrassonografia, dono de uma clínica homônima*), que é um grande médico aqui de Fortaleza, que é anunciante nosso.

Agora o Boghos é anunciante da Inside, tem um contrato com a Inside, eu vou queimá-lo como fonte? Eu tenho uma matéria, sobre um assunto, sobre check-up. Ele é cobra no Brasil. Eu digo: “Boghos não porque ele é anunciante”? Não, pelo contrário. (*Eu digo:*) “Olha, escuta o Boghos, vai. Liga para o Boghos aí. Pega a opinião dele”. Eu faço isso. Faço isso com transparência, sem nenhum conflito ético. Sem nenhum conflito ético.

Andréa – *No livro “Notícias do Planalto” de Mário Sérgio Conti ele critica o Domingo Alzugaray (editor e diretor da Editora Três, que publica a revista IstoÉ) e diz que só publicações grandes, como Veja e Globo podem ser governistas e diz que*



Ao final, várias fotos da turma foram tiradas pelo professor. Isabela também tirou uma da turma, para que Ronaldo pudesse aparecer.

Após a entrevista, o aluno Jhon Clayton mostrou-se descontente: “Algumas respostas foram evasivas”. Luís-Sérgio confirma a frustração: “Tem coisas que não podem e não devem ser ditas”.



O entrevistado parecia satisfeito com o resultado da conversa. Só lamentou (junto com os alunos) não ter tido oportunidade de tomar algumas doses de uísque.

publicações pequenas quando adulam, só irritam. O senhor acha que é possível uma empresa crescer, expressando as suas opiniões, fazendo críticas?

Luís-Sérgio – É. É possível. É possível. Andréa, no começo eu não pensava assim. Eu achava que a gente estava numa região tão pobre, onde o governo é grande anunciante, eu mesmo na minha fase de jornal O Povo, eu pude ver os investimentos que o governo de *Ciro (Gomes, 03/91 a 09/94)* fez no jornal, comprando projetos a volumes altíssimos. Isso é legal, isso pode ser um viés. Mas hoje eu vejo que não. O viés está no mercado. E que é legal isso aí. Quanto mais empresa privada você tiver dentro da revista, mais autonomia você vai ter sobre todos os temas. Sou forçado a concordar com o Domingo Alzugaray porque hoje, a Veja, eu leio a Veja toda semana, gosto da Veja, admiro a Veja... Mas a Veja tem posturas venais em

relação ao governo Fernando Henrique, especialmente nesse episódio recente, onde o Ministério Público mostrou aquela relação incestuosa entre o Eduardo Jorge (*ex-secretário da Presidência da República, ex-tesoureiro das campanhas de Fernando Henrique Cardoso e amigo pessoal do presidente FHC, envolvido em denúncias de tráfico de influência no desvio de verbas no escândalo do TRT de São Paulo*) e o Fernando Henrique, o cara que trabalha na sala contígua do presidente, fazia lobby, tráfico de influência e tal, e qual foi a estratégia da Veja? Foi defender sempre o Fernando Henrique. E foi mais que isso. Foi fazer uma matéria enorme, para quê? Para desmoralizar o Ministério Público, através

da figura do procurador, o nosso amigo... Francisco José dos Santos. Quer dizer, eu achei uma postura nojenta.

Do mesmo modo que a Rede Globo (*de Televisão*). Por que que a Rede Globo agora não trata mais a fazenda do Fernando Henrique como fazenda do Fernando Henrique? Agora é a fazenda da família do Fernando Henrique e agora é a fazenda dos filhos... por quê? Por quê? Então, Andréa, eu concordo com ele. Eu acho que grandes veículos são... existe coisa mais governista do que o SBT (*Sistema Brasileiro de Televi-*

“Fica até estranho eu ficar falando sobre isso porque o Ronaldo está me ouvindo aqui agora, ali, e eu não sei se seria adequado chamá-lo para falar sobre esse assunto”

são, de Silvio Santos. No Ceará, canal 12) em televisão? Não existe. A Veja tem as falhas... a Veja precisa fazer isso? É curioso. Vou dar dois exemplos: por que a Veja, as revistas da (*editora*) Abril só abordam o governo do Ceará positivamente? E por que a IstoÉ só aborda o governo do Ceará para detonar? Por quê? É uma boa pergunta que eu deixo para vocês. Vocês que lêem Veja, que lêem (*a revista*) Exame, vocês percebem que quando se fala em Ceará é para cima? É porque existe um alinhamento estratégico ou ideológico ou de negócio. Porque o governo do Ceará é um grande anunciante. O governo do Ceará é o maior anunciante de órgão público em termos nacionais. E uma página na revista Veja

custa R\$ 80 mil. E uma na Inside custa só R\$ 4 mil e 100. Tá aberto para os senhores (*risos*).

Valente – *Luís-Sérgio, em 81 o senhor escreveu Comunicação e Dominação e em uma passagem do livro o senhor divide a categoria dos jornalistas em dois tipos. O senhor diz que existe o inconformado com a situação e o que não tem valores e nem respeito profissional e aceita com passividade tudo que lhe é colocado com o único objetivo de fazer uma carreira. Isso o senhor escreveu antes, quando ainda não tinha passado pelos cargos de chefia, quando ainda não tinha sido editor do jornal O Povo e quando ainda não era empresário. Eu queria saber se você mantém a afirmação e se mantém em qual das duas categorias o senhor se enquadra.*

Luís-Sérgio – Valente, eu acho que... o livro foi escrito em 1981, como você acaba de me informar. Eu teria mais categorias para colocar. Eu acho que qualquer ranquiamento é meio complicado porque vai omitir muitas variáveis. Em qual das duas eu me coloco (*sorri*)? Pode ler as duas novamente? (*Valente repete a pergunta*)

Luís-Sérgio – Ah... mas sem dúvida eu tô na primeira. Sem dúvida eu tô na primeira. Eu não tenho a menor dúvida sobre isso.

Valente – *O senhor acha que chegou ao posto de empresário sem aceitar com passividade tudo que lhe foi colocado?*

Luís-Sérgio – Sem dúvida. Sem dúvida. Aceitei algumas coisas, mas outras eu não aceitei. E hoje eu estou naquela fase de não aceitar muita coisa não. Estou na fase de não

Luís-Sérgio deu carona no final da entrevista para algumas alunas até a faculdade. O grupo ainda teria uma última aula na noite.

aceitar muita coisa.

Janis – Segundo alguns de seus amigos, “ou se ama ou se odeia Luís-Sérgio” É uma pessoa que subiu de vida muito rápido. De repente são cheios de desconfiança a cerca de você. Por quê?

Luís-Sérgio – Eu não sei lhe dizer. A primeira coisa: eu não sou populista. Eu não sou populista, eu não sou paternalista, eu sou grosso, às vezes; eu sou rude, às vezes. E às vezes eu mago as pessoas que estão muito próximas de mim. Eu sei disso. Depois é que eu vou perceber que poderia não ter feito e (*penso*) “Pô! Caramba! Por que que eu fiz aquilo?” É um sentimento de auto-destruição? Não sei. Eu acho que talvez até seja. Às vezes eu fico fazendo uma relação mitológica entre a minha personalidade e a do escorpião, signo sob o qual eu nasci, e o escorpião é o único animal que se suicida para não ser assassinado. Então eu acho que provavelmente é isso. Essa capacidade de sobrevivência, de obstinação, de determinação, às vezes pode... e de inconformismo. Eu nunca fui um conformado com a minha situação... Provavelmente eu estaria pescando com ele (*refere-se ao pai*). Então eu sempre fui inconformado com a minha situação e estou sempre inconformado, estou sempre querendo mais, então é isso aí. E eu estou lutando para isso. E por conta disso, você tem que quebrar a louça, algumas vezes.

Janis – E os seus amigos também dizem que você é uma pessoa desorganizada até na organização pessoal da sua vida

Luís-Sérgio – São os meus amigos que falam isso? E os inimigos, o que que falam

(*gargalhadas generalizadas*)? E o que que os inimigos falam, Janis? Olha, a minha vida tem várias fases. Eu já casei, já descasei... Todo casamento quando termina é o contrato social mais difícil de desfazer. Mesmo que você (*não*) queira, deixa seqüelas enormes, tá certo? Já tive muita experiência de vida, já fui morar só em São Paulo, sem dinheiro. Eu lembro que em alguns períodos, a CAPES (*Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior, que patrocinou um mestrado na ECA-USP, de 1986 a 1988. Luís-*

“A atividade jornalística é também uma atividade política. E a empresa tem interesses estratégicos. É bom que todo estudante escute isso em alto e bom som”

Sérgio não concluiu o Mestrado) atrasava, a universidade, e eu ficava comendo ovo com pão e leite. De lá eu tinha que ligar para a minha irmã, para ela mandar dinheiro para mim. Tinha que lavar minha própria roupa, cozinhar minha própria comida, limpar a casa e tal. São experiências interessantes e que mostram certa determinação. Com umas coisas e menos determinação para outras coisas. Talvez esse tipo de personalidade cause um certo asco a algumas pessoas, tá? Agora, eu sou uma pessoa de poucos amigos, tá? E talvez porque eu não saiba cultivar bem as amizades. São muito cíclicas. Mas têm algumas pessoas que são minhas amigas há bastante tempo e gostam muito de mim. Mas eu acho isso interessante

você assumir certas posições. Eu tive uma fase da minha vida que eu fui muito ambíguo, tá na hora. Eu estou com quarenta e alguns anos (*nascido dia sete de novembro de 1957 – tem 43 anos*), então eu não estou mais na fase de contemporizar com algumas coisas.

Simões – O senhor disse que teve várias fases, perdeu alguns amigos e fez alguns outros, com certeza. Você, hoje, fazendo um balanço, é uma pessoa feliz?

Luís-Sérgio – Eu acho que eu sou feliz. Eu me considero uma pessoa extremamente feliz porque eu faço as minhas atividades hoje, as duas atividades principais são coisas que eu gosto pra caramba. Eu hoje sou um cara viciado em trabalho, porque eu gosto do trabalho. E eu quero fazer desse trabalho que eu faço.

Eu tive a felicidade em toda a minha vida de trabalhar com coisas que me davam satisfação. Quer dizer, além de você ter satisfação, você ser pago para fazer aquilo... Tem coisas que você faria de graça, sem exagero (*está visivelmente emocionado*). Mas eu confesso que sou feliz, tenho uma relação... tenho os meus conflitos, tenho uma relação privada interessante, a Isabela está ali do lado ouvindo... Eu tenho muitos projetos, eu tenho muitos sonhos. Eu acho que eu nunca deixei de sonhar. Então isso me move muito. É isso que me empurra para frente o tempo todo. Porque se eu tivesse parado no momento em que minhas dificuldades se colocaram na minha frente, eu não estaria em lugar nenhum porque as dificuldades foram muitas e enormes.

Livia – Algum fracasso que você lembra e que você pudesse falar e lamenta?



A primeira meia hora de fita não foi registrada pelo gravador do aluno Eivaldo. Felizmente, as fitas do Valente não deram nenhum problema.

Algumas vezes o entrevistado respondia com a mão no queixo. Isso dificultou um pouco a transcrição das fitas no momento da edição.



Durante o processo de edição, os componentes da equipe se desentenderam algumas vezes. No final de uma das reuniões, Erivaldo foi dormir para eliminar o estresse da discussão.

Luís-Sérgio – A vida da gente tem que ter fracassos. Tem que ter momentos onde você falha. Nós somos falíveis. Fracasso é o momento em que você falhou em alguma coisa.

Arizona – *O senhor acha que a Xilo* (revista de mídia e cultura, publicada pela editora Inside Brasil, em janeiro de 2000, com recursos da Lei Rounct. Teve apenas uma edição) *foi um desses fracassos?*

Luís-Sérgio – A Xilo foi, sem dúvida, um retumbante fracasso. Foi, sem dúvida uma retumbante falha, porque... se bem que o projeto, tecnicamente, ainda está vivo, porque o projeto se expira em abril do próximo ano (2001)... mas foi um fracasso que demonstrou várias coisas. Primeiro, a gente não tinha o conhecimento do campo em que a gente estava entrando, que era o campo da captação; é um campo complicado. Segundo, que a gente deu um passo, que eu considero um erro estratégico brutal, que foi lançar a revista apostando nos encaminhamentos de captação que estavam em andamento com sinalização positiva. E todos abortaram. Quando eles abortaram, a gente disse que *(faz um gesto com as mãos cortando o ar)* corta, tira, tira do ar. Claro. É um projeto que está em aberto, a gente tenta ainda... não estamos ensaiando nenhuma atitude de captação agora, mas se surgir uma oportunidade, a gente está com o projeto lá e vamos ver se a gente consegue. A gente contava com apoios que acabaram recuando.

Roberta – *A Xilo expira no ano que vem. Que algum outro projeto o senhor tem? Como é que o senhor está planejando a sua vida para o futuro?*

Luís-Sérgio – O nosso projeto, nesse momento, Roberta, a gente tem *(de)* primeiro dar uma turbinada na Inside. Nós estamos nos preparando para dar uma turbinada. Uma turbinada que vai passar pela comercialização da revista, pelo marketing da revista, que isso vai ter um reflexo no conteúdo da revista, em termos de qualidade. Sem dúvida, ela está numa linha de independência que vai ficar bem clara. Até, com certeza, no próximo semestre de 2001. E nós temos um plano de lançar um segundo título, tá? Nós estamos pensando em crescer mesmo

“O grande projeto da minha vida é viabilizar uma editora, no Brasil, baseada em Fortaleza, com um pé em São Paulo e um pé em Brasília”

(ênfatisa). E temos uma interface na Internet, que a gente vê isso como um potencial negócio no futuro, que vai requerer algum investimento na internet, na nossa página. Vai requerer algum investimento no futuro. Hoje nós dependemos de um provedor e o nosso plano é que a gente passe a ter toda a estrutura dentro de casa, sem precisar de provedores. E as perspectivas nessa área são brutais. Num futuro bem próximo.

Mas a nossa ação hoje é turbinar a Inside. A Inside conseguiu grandes conquistas, já. Conquistas que eu não imaginava que pudesse vir a conseguir. Primeiro ela se configurou num negócio como empresa, que a princípio nós não tínhamos essa visão de empresa que a gente está

tendo hoje. Segundo, ela conseguiu parcerias fortes, construiu parcerias fortes. O crescimento da Inside se deve ao nosso parceiro industrial em São Paulo, que é a W. Hott, que é um parceiro que tem passado *know-how* para a gente, tem passado conhecimento e, principalmente, tem passado um alinhamento. Nós estamos com a W. Hott há dois anos e meio, já bastante tempo. E é uma sintonia finíssima. E um grande passo que nós conseguimos foi furar, entrar com uma distribuidora nacional. Você sabe que a distribuição de produtos culturais no Brasil é cartelizada. São poucas que conseguem. E nós conseguimos. E nós devemos isso ao fato de termos conseguido entrar numa distribuidora nacional. Devemos isso ao Jóia, da W. Hott, José Carlos Jóia, que é o principal executivo da W. Hott, que nos botou em contato com essa distribuidora, que nos avalizou, que nos deu um cheque em branco para a gente entrar

nesse esquema de distribuição nacional, que até o momento tem funcionado apenas para tirar a temperatura de algumas praças no Brasil. Saber como é. São Paulo tem perspectivas? A gente está tirando essa temperatura. Isso já vem acontecendo há quatro ou cinco edições. Então, em relação à Inside, eu acho que a gente pode conseguir muita coisa. Mas com um trabalho muito duro. Só para você ter uma idéia, com esse projeto da Inside, nós abrimos mão, eu e a Isabela, que está comigo nesse projeto, abrimos mão de muita coisa. Abrimos mão de muita coisa, nessa carreira obstinada em relação à Inside. Porque a Inside hoje é fruto de uma obstinação. Porque ele já morreu algumas vezes. Já

A maior dificuldade foi ter de cortar trechos que nunca obtinham unanimidade na decisão de suprimi-los ou não.

pensamos em detonar e hoje a gente sabe que não pode voltar para trás, que a gente sabe que não tem como voltar. Só temos que ir para a frente, agora. Mas já pensamos muito em parar, já há algum tempo, bem logo no começo.

Erivaldo – *Na sua vida, que você expôs para a gente aqui, hoje, você falou que colecionou desafetos pessoais e algumas pessoas se afastaram em definitivo. Nessas perdas você falou “bom, aconteceu, aconteceu. Não parei para pensar se fiz ou não errado”. Você não olha para o seu passado porque tem medo, receio, ou não gosta de penitência?*

Luís-Sérgio – (ri) É uma boa pergunta. Pode ser. Você nessa tentativa de me autoanalisar agora. Provavelmente seja uma defesa minha. Seja uma espécie de recalamento, no sentido psicanalítico, no sentido freudiano, pode ser uma defesa. Pode ser. Algumas coisas você tem que olhar para trás para você ver onde errou e não errar mais. Eu acho que o conhecimento que sedimenta mais é

aquele conhecimento que você adquiriu na sua vivência. E o erro, ele tem que agregar algum tipo de conhecimento muito forte. Eu acho que quem errou muito pode não errar mais ou não quer errar mais. Se bem que o erro é inevitável. Ou erra menos. Erra noutra dimensão. Mas tudo isso, erro ou não erro, soma como experiência de vida.

Eu acho que todos nós devemos ter uma história para contar. Para deixar para as outras gerações que vão vir depois da gente. E é importante isso. Eu acho que é a maneira de a gente continuar vivo. Da gente se preservar no futuro. Eu acho que você deixou registro da sua passagem. E provavelmente o meu grande registro, que eu vou deixar, é a Inside. Eu acho que a Inside vai ser um... (*Luís-Sérgio chora*) Eu não sei porque eu me emocionei agora! Eu acho que a Inside vai ser um grande registro. Essa coisa de certo modo te perpetua, te empurra para a história. E do teu compromisso. Agora, você está sujeito a crítica, tem que estar aberto a isso, tem que

levar pancada mesmo e tem que saber administrar isso e conviver com isso. Quando você assume uma função semi-pública como a nossa, você está se expondo, você está... Olha meu amigo, vem alguém em cima de você, com certeza. Ainda mais em um cenário de conflito, de crise, vem alguém em cima de você. O teu concorrente quer te detonar, tô citando isso por hipótese. Mas eu acho que nós temos que mostrar a nossa cara. Temos que nos mostrar e temos que nos expor. Quando você faz alguma coisa, você se expõe. Você se expõe muito e você desagrada. E você sabe que está assumindo questões polêmicas. E você sabe que tem que fazer algumas concessões (*fala isso olhando para a aluna Herik, por se tratar de uma expressão com a qual ela costuma “brincar” em sala de aula*). Nós, na nossa vida, temos, todos nós, que fazer algumas concessões. Temos até que conviver com pessoas com as quais você não gostaria. Temos que conviver. Faz parte. É importante no nosso aprendizado. **E**



Um dia antes do último dia de edição, um susto: um vírus no computador da aluna Herik ameaçava todo o trabalho produzido pela equipe de produção. Felizmente, o problema foi solucionado rapidamente.